

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

RENATA VIEIRA

**A SEXUALIDADE NOS DISCURSOS DE IDOSAS FREQUENTADORAS DE UMA
CASA NOTURNA EM ARACAJU, SERGIPE**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2018

RENATA VIEIRA

**A SEXUALIDADE NOS DISCURSOS DE IDOSAS FREQUENTADORAS DE UMA
CASA NOTURNA EM ARACAJU, SERGIPE**

Dissertação apresentada como requisito final para
a obtenção título de Mestre, pelo Programa de Pós
Graduação em Psicologia Social da Universidade
Federal de Sergipe

ORIENTADOR: Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha

SÃO CRISTÓVAO / SE

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos que me concede. Obrigada, Senhor, por cada segundo da sua presença em minha vida.

À minha mãe, que tanto batalhou para proporcionar uma vida melhor para mim e para minhas irmãs. Mulher guerreira, que me ensinou a valorizar o que há de mais simples e belo nesse mundo. Amo você!

A meu orientador, Eduardo Leal Cunha, toda minha admiração e gratidão. Obrigada por ser suporte em meio a diversas dúvidas, por acreditar nos momentos em que desacreditei. Saiba que suas contribuições ao longo desses anos foram significativas na minha vida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo financiamento prestado à pesquisa e pela concessão, por meio do Programa de Mobilidade Acadêmica (PROMOB), de bolsa-sanduíche de quatro meses na Universidade de São Paulo (USP), período muito construtivo.

À professora Miriam Debieux, pela acolhida em São Paulo e por colaborar com a minha pesquisa durante minha estadia.

A todos os professores do Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe. Em especial, agradeço ao professor Elder Cerqueira, pelas pontuações durante minha banca de qualificação e ao professor Daniel Coelho, por todo apoio ao longo dos estágios em docência e por aceitar participar da minha banca avaliadora.

À Dra. Marilande Martins Abreu, que tão gentilmente aceitou fazer parte da minha banca e fez considerações valiosas na qualificação. Muito obrigada!

Aos funcionários Kelle e Danilo, pela colaboração em meio a tantas solicitações.

Agradeço também a todos os amigos que conquistei ao longo do mestrado: Ingrid, Carmen, Mari, Diego, Israel e Larissa, grata por todo apoio nesse percurso. E em especial, agradeço a Keziah, por compartilhar comigo os momentos longe de casa e cuidar de mim.

Às minhas sobrinhas Adrian e Adrielle, que amo imensamente. Saibam que mesmo estando distante não deixei de pensar em vocês, presença constante em minha vida, meus tesouros.

Às minhas irmãs Danielle e Adriana, por todo apoio ao longo de tantos momentos difíceis. Que possamos fortalecer esse amor um pouco mais a cada dia.

Às minhas primas e tias. Em especial à Gércica, que se fez mais presente nesse processo do mestrado, sempre preocupada com meu bem-estar.

À minha amiga Anne Matier, obrigada por tudo, você é muito especial para mim. Amo, amo.

À minha amiga Thery, por todo carinho e parceria ao longo de tantos anos dividindo alegrias e me apoiando sempre.

À minha amiga Andressa Araújo, juntas finalizamos a formação em Psicologia e juntas ingressamos no mestrado. Partilhamos tantos momentos, sou extremamente grata por todo carinho e confiança.

À minha amiga Francine, por se dedicar tanto a mim, me mimar e me fazer tanto bem. Minha bruxinha.

À minha amiga Rochele Bezerra, por me incentivar e se fazer presente em vários momentos em minha vida.

Às minhas amigas Rudy, Dani, Andreza, Verônica, Arielle e Taisinha. Obrigada por tudo, pelos dias de alegria, por me fortalecer em dias difíceis me escutando e dando muito carinho.

Aos meus amigos Emission, Djalma e Augusto que me apoiaram e estiveram sempre muito disponíveis para me ajudar.

Às mulheres que aceitaram ser entrevistadas e colaboraram para este estudo.

Enfim, agradeço a todos que me ajudaram nessa enriquecedora e difícil jornada na busca de conhecimento para a vida.

RESUMO

Envelhecimento pode ser entendido como um processo plural. Assim, cada sujeito tem uma maneira peculiar de lidar com esse movimento. Inúmeros estudos já foram realizados com temáticas relativas ao envelhecimento feminino e o presente trabalho tem como foco a sexualidade da mulher idosa, compreendendo como idosa a pessoa com idade de 60 anos ou mais. Inicialmente, foi feito um levantamento bibliográfico de artigos sobre esse tema em português nos últimos dez anos (2007-2017), no site do SciELO e nos periódicos eletrônicos do PePSIC, com o objetivo de averiguar o que vem sendo produzido sobre o assunto. Posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo a fim de compreender o sentido atribuído à sexualidade e os elementos que as mulheres idosas reconhecem como constitutivos dessa sexualidade. Participaram dessa etapa três mulheres com idade entre 61 e 70 anos. Essa pesquisa teve como instrumentos de coleta de dados o diário de campo e entrevistas pautadas na escuta psicanalítica. Apresentamos os resultados em três capítulos: o primeiro tem como foco o envelhecimento feminino, no segundo discute-se brevemente as relações entre sexualidade e envelhecimento, e o terceiro refere-se à pesquisa empírica. Nesse último são trazidas a experiência de campo, a análise das entrevistas, além da análise das minhas implicações em que são apresentados os aspectos transferenciais e contratransferenciais na condição de pesquisadora. Na discussão foram apresentados os discursos das mulheres relativos à sexualidade, sendo possível compreender que a vivência da sexualidade se relaciona com a história de vida de cada sujeito e que a idade não determina a finalização dos desejos; percebeu-se também que essas mulheres romperam com o silenciamento imposto por uma educação limitadora e se permitem viver a velhice criando estratégias para lidar com as transformações oriundas dessa etapa de vida.

Palavras-chave: sexualidade; idosa; envelhecimento, psicanálise.

RÉSUMÉ

Le vieillissement peut être compris comme un processus pluriel. Ainsi, chaque sujet a une manière particulière de faire face à ce mouvement. De nombreuses études ont été menées sur des thèmes liés au vieillissement féminin et ce travail est axé sur la sexualité des femmes âgées. Il faut comprendre comme personne âgée une personne âgée de 60 ans ou plus. Dans un premier temps, il a été fait une étude bibliographique d'articles en portugais sur ce sujet pendant les dix dernières années (2007-2017) sur le site SciELO ainsi que dans les revues électroniques do PePSIC, afin de vérifier ce qui a été produit à ce sujet. Ensuite, une étude de terrain a été réalisée afin de comprendre le sens attribué à la sexualité ainsi que les éléments que les femmes âgées considèrent comme ce qui constitue cette sexualité. Trois femmes âgées de 61 à 70 ans ont participé à cette phase. Cette recherche a eu pour instruments de collecte de données le journal de terrain et des entretiens basés sur l' / une écoute psychanalytique. Nous présentons les résultats en trois chapitres: le premier met l'accent sur le vieillissement féminin, dans le deuxième, nous discutons brièvement les relations entre la sexualité et le vieillissement, et le troisième est relatif à la recherche empirique. Dans ce dernier sont donnés l'étude de terrain, l'analyse des entretiens, ainsi que l'analyse de mes implications où sont présentés les aspects transférentiels et contre-transférentiels en tant que chercheuse. Les discours des femmes en relation à la sexualité ont été présentés dans la discussion, où il a été possible de comprendre que le vécu de la sexualité est lié à l'histoire de vie de chaque sujet et que l'âge ne détermine pas la fin des désirs; Il a également été remarqué que ces femmes ont rompu le silence imposé par une éducation limitée et se sont permises de vivre leur vieillesse en créant des stratégies pour faire face aux transformations provenant de cette étape de la vie.

Mots-clés: sexualité; personne âgée; vieillissement, psychanalyse.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
2. O ENVELHECIMENTO FEMININO	5
2.1 Concepções sobre o envelhecimento.....	5
2.2 Termos empregados para categorizar a velhice	10
3. A SEXUALIDADE DA MULHER NA ARTICULAÇÃO COM ENVELHECIMENTO	16
3.1 Conceitos de Sexualidade.....	16
3.2 O corpo na experiência do envelhecer	18
3.3 Sexualidade e envelhecimento	20
4. PESQUISA EMPÍRICA	23
4.1 Método	23
4.2 A aproximação do campo de pesquisa	26
4.2.1 O diário de Campo.....	28
4.3 Identificação das Participantes	30
4.4 Análise das Entrevistas.....	31
4.4.1 Análise 01 : Violeta	31
4.4.2 Análise 02: Flora	43
4.4.3 Análise 03: Brigitte.....	53
4.5 Discussões dos Resultados	69
4.6 Análise das Implicações	75
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento humano vem sendo objeto de estudo de vários campos do saber, a exemplo da Antropologia, da Sociologia e da Psicologia, sendo que o aumento de pesquisas relativas a essa temática está relacionado ao crescimento da população idosa (Moraes; Vianna; Valadares, 2013). Na perspectiva de gênero, houve uma amplificação da predominância de mulheres nessa população, e as estatísticas apontam o indicador de 96 homens para cada 100 mulheres.

Há uma diferença entre as regiões: no Nordeste, o indicador é de 95,3 homens para cada 100 mulheres. Desse modo, quanto mais a população envelhece, mais feminina se torna, processo denominado “feminização da velhice” (IBGE, 2010).

Não existe uma concepção única do que seja velhice, sendo comum associá-la à degradação resultante do processo de envelhecimento, embora possa ser entendida como categorização social que permite o estabelecimento de direitos específicos, ligados à idade. Por outro lado, pode ser considerada uma fase a ser aproveitada, propícia para a realização pessoal (Debert, 2007).

De acordo com Blessmann (2004), a associação instituída entre o advento da velhice à completude dos 60 anos foi estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) como referência para a aquisição da aposentadoria levando em consideração a expectativa de vida. Assim, estabeleceu-se a idade de 60 anos para os países em desenvolvimento e de 65 anos para os países desenvolvidos.

A forma de encarar a velhice está relacionada a fases anteriores. O sujeito numa perspectiva mais ampla, torna-se a soma das experiências passadas, levando os ônus, representados pelas dores, frustrações e dificuldades de aceitação, e os bônus, que se referem a ganhos proeminentes da trajetória de vida. Assim, não se pode falar de velhice como algo fixo e geral. Trata-se, nesse contexto, de velhices e de formas de perceber o envelhecimento

distintamente. Cada ser humano vivencia um envelhecer e essa etapa pode abrir possibilidades ou ser fonte de impedimentos (Piccolo, 2011).

De acordo com Irigaray e Schneider (2008), não se pode pensar no envelhecimento fixado na idade, uma vez que esta é apenas um marcador social, e o envelhecimento humano é um processo que vai além, sendo uma experiência subjetiva, que pode, inclusive, sobrepor-se aos marcadores sociais, que são alterados de acordo com a cultura em que o sujeito está inserido.

Neste estudo, estabelecemos o marco de 60 anos para considerar a pessoa idosa, de modo a trabalharmos com a ideia da ONU. No nosso caso, nos interessamos pela questão relativa à mulher e, mais especificamente, pela sexualidade dessa mulher em sua articulação com o processo de envelhecimento feminino. Vale ressaltar que este é um trabalho que se baseia na escuta psicanalítica. E assim buscamos, a partir do discurso de mulheres idosas, compreender o sentido atribuído à sexualidade. De acordo com Abdo e Fleury (2015), o envelhecimento feminino não pode ser percebido como a causa da perda do interesse sexual – a mulher idosa pode continuar mantendo relações sexuais e sentir prazer.

A escolha por essa temática não se restringiu à ampliação do conhecimento, remetendo-se antes de tudo às dificuldades encontradas em abordar esse assunto. O interesse pelo tema pode ser concebido também como o percurso para entendimento dos processos inconscientes presentes na forma de condução desse assunto na vida da pesquisadora, de forma que percorrer esse caminho pelo viés da pesquisa trouxe inúmeras reflexões. Esse estudo é socialmente relevante, pois se trata de problematizar o encontro de duas temáticas, a sexualidade e envelhecimento feminino, ambas permeadas por rótulos e tabus. Destacamos também que desenvolvemos a exploração sobre a temática aqui apresentada inicialmente por meio de um levantamento bibliográfico de artigos em português publicados nos últimos dez anos (2007-2017) no site do SciELO e nos periódicos eletrônicos do PePSIC, com o objetivo

de averiguar o que vem sendo produzido sobre a sexualidade da mulher idosa, culminando na elaboração de um artigo. Em paralelo à pesquisa de campo, fizemos a exploração bibliográfica do tema.

Nosso capítulo inicial aborda as discussões sobre o envelhecimento feminino, apresentamos algumas concepções relativas ao envelhecimento, concebendo-o como processo de aquisições e perdas, trazendo também as formas como as mulheres interpretam a passagem do tempo, como elas lidam com a nova imagem corporal e as perspectivas positivas e/ou negativas atribuídas ao envelhecimento; discorremos também sobre os principais termos empregados para categorizar a velhice: velho, idoso e terceira idade, partindo da apresentação desses termos identificatórios. Apresentamos os significados atribuídos a cada um, considerando que não devem ser percebidos como curso natural da sociedade, assim, buscamos desnaturalizar as categorizações da velhice.

O segundo capítulo trata da articulação entre a sexualidade e o envelhecimento, nele são discutidos os conceitos atribuídos à sexualidade, a forma como a sexualidade da mulher idosa vem sendo concebida, assim como são apresentadas as mudanças corporais articuladas à experiência de envelhecer, trazendo algumas formas de lidar com essa nova etapa de vida. Discorremos também sobre os fatores individuais e coletivos que interferem na forma de vivenciar a sexualidade nessa nova etapa de vida.

O terceiro capítulo apresenta a pesquisa empírica, nele discorremos sobre as etapas e desdobramentos do estudo, dessa forma apresentamos as considerações metodológicas em que são destacados os instrumentos e procedimentos da pesquisa; discorremos também sobre a aproximação do campo de pesquisa, fazendo o recorte do período inicial e final da ida a campo. Discorremos sobre seus desdobramentos, apresentamos também uma síntese do diário de campo e análise das entrevistas, além disso trouxemos a análise das implicações, espaço em que são discutidos os elementos transferenciais e contratransferenciais da pesquisadora.

Ao final desse trabalho discorreremos sobre os resultados encontrados a partir da escuta dessas mulheres. Apresentamos, assim, as interpretações desses discursos, trazendo as concepções que elas apresentam referentes à sexualidade e aos termos associados à ideia dessa sexualidade, sendo importante ressaltar que elas apresentam diferentes formas de conduzir essa temática. Nessa dinâmica de aproximação e distanciamento pontuamos as expectativas e realidades encontradas no decorrer do presente estudo.

2. O ENVELHECIMENTO FEMININO

A partir da compreensão do envelhecimento como um processo inevitável que pressupõe perdas e aquisições, discutiremos as questões relativas ao envelhecimento da mulher. Nessa perspectiva, o presente capítulo foi dividido em dois subtópicos: o primeiro é denominado “Concepções sobre o envelhecimento”, nele são apresentadas algumas compreensões sobre o processo de envelhecimento, bem como são trazidos dados demográficos que confirmam o aumento da população idosa no Brasil, com predominância feminina; trouxemos também as concepções conferidas a esse processo como reflexo de uma construção sócio-histórica; aqui também abordamos o significado atribuído pela mulher ao envelhecimento, tornando possível discutir sobre as interferências que a passagem do tempo provoca na vida do sujeito e a maneira como ele lida com as questões referentes à aceitação ou negação. No segundo subtópico, intitulado “Termos utilizados para categorizar a velhice”, são apresentados os termos comumente associados ao envelhecimento, assim, propomos uma discussão sobre a construção desses termos identificatórios e os significados atribuído a cada um. Posteriormente, buscamos desnaturalizar as categorias, trazendo a historicidade da forma como vêm sendo conceituadas ao longo do tempo, apresentando então a dimensão crítica e política das desconstruções do processo de categorização da velhice.

2.1 Concepções sobre o envelhecimento

“O envelhecimento é um conceito multidimensional embora geralmente identificado com a questão cronológica, envolve aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Além disso, suas características variam de indivíduo para indivíduo” (Santana, 2003, p.51). Envelhecer pode ser entendido como uma etapa da vida humana que provoca alterações naturais e gradativas ligadas à capacidade funcional; transforma a maneira do sujeito lidar com o mundo

e assume diferentes significados de acordo com os contextos socioculturais, sendo um processo relacional marcado por uma temporalidade distinta (Barros, 2011).

Segundo Goldeman (2006), esse fenômeno complexo estudado por diversas disciplinas apresenta múltiplas características relacionadas à cultura e ao tempo. Os parâmetros de compreensão do que é envelhecimento sofrem alterações, sendo historicamente determinados.

Py (2006), ao refletir sobre envelhecimento, pontua algumas questões; primeiramente, o envelhecimento não pressupõe a incapacidade de o sujeito desenvolver-se intelectualmente ou socialmente; em segundo plano, é necessário distinguir o processo de envelhecimento saudável, em que as perdas são gradativas, do envelhecimento enfrentado com o adoecimento. A separação dessas duas perspectivas conduz a não generalização sobre o processo de desenvolvimento das pessoas envelhecidas.

Chena, Magalhães, Ortalani, Rodrigues e Witter (2015) destacam que o aumento da população idosa no Brasil é algo incontestável, e, sem dúvida, ampliar as pesquisas referentes ao processo de envelhecimento contribui para o entendimento das questões que giram em torno da velhice. Esses autores realizaram um mapeamento de publicações na revista Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento e perceberam que, apesar do aumento das produções relativas ao envelhecimento, faz-se necessário ampliar os estudos que visem promover a aplicabilidade dos conhecimentos para beneficiar a população de idosos.

Minayo (2012) afirma que até 1980 a maior parte da população brasileira era constituída por jovens, e a mudança desse quadro demográfico se deu a partir da diminuição da taxa de natalidade e do progressivo aumento da expectativa de vida. Em seu estudo, destaca os contrastes entre o vivido e o imaginado relativo à velhice no Brasil. Considera, ainda, o envelhecimento como um processo múltiplo e que, apesar das conquistas, a sociedade

brasileira ainda precisa avançar quando se trata de melhorias na vida dessa população que se amplia a cada período.

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial; no Brasil, a população idosa representa uma parcela significativa da população: 6,8%. Os dados indicam que, em 2050, um quinto da população será composto por idosos, e as mulheres representarão a maioria desse percentil (IBGE, 2010).

A predominância de mulheres levou alguns pesquisadores a focarem no estudo desse fenômeno concebido como “feminização da velhice”, processo transitório de gênero que se relaciona com os padrões de sobrevivência dos homens e das mulheres. É possível descrever três fases desse processo: a primeira diz respeito à expectativa de vida em relação ao nascimento, que é baixa e similar entre o homem e a mulher; a segunda, no entanto, relaciona-se com uma simultaneidade entre a redução da mortalidade materna e a diminuição da taxa de fertilidade, que proporciona o aumento do índice de sobrevivência feminina à meia-idade; e a terceira diz respeito à melhoria do padrão de vida das idosas, proporcionando o entendimento de que, ao passo que existem mais mulheres envelhecendo no país, é preciso considerar as formas que a sociedade encontrará para lidar com esse processo de transição de gênero (Neri, 2009).

Couto, Koller e Novo (2006) acrescentam que é importante não negligenciar as possibilidades de crescimento oferecidas por essa etapa da vida: o foco nas perdas ofusca as novas formas saudáveis de lidar com o envelhecimento. Tal percepção, voltada para doença, fraquezas e isolamento, está fortemente enraizada na cultura ocidental.

Sob o olhar de Bokany e Venturi (2009), o processo de envelhecimento acarreta perdas. Entretanto, pode ser percebido como um processo acumulativo de experiências que possibilita a realização, sendo possível, por meio da experiência adquirida, fazer uma interpretação do passado e utilizar os conhecimentos adquiridos para se posicionar no

presente. De fato, o aumento da idade desencadeia algumas limitações biológicas, porém, tal realidade não impede a manutenção das habilidades intelectuais e o bom funcionamento da vida, exceto quanto há alguma espécie de patologia.

Lopes (2009) corrobora as ideias supracitadas e destaca que lidar com o envelhecimento requer adaptação ao invés de aceitação passiva. Neste sentido, é preciso estabelecer novos limites, entendendo quais atividades pode ser dada continuidade e quais precisam ser modificadas, para que se possa viver com equilíbrio e aproveitar melhor a vida.

Para Matos (2015), a manutenção da autonomia constitui um elemento importante no processo de envelhecimento, o que significa sentir-se capaz de gerir a própria vida, mesmo diante de situações adversas. O envelhecimento está habitualmente relacionado à incapacidade física, e a ideia de depender dos outros para realização de atividades diárias se constitui como uma das grandes preocupações do envelhecer. De fato, há uma série de transformações para além da física que marcam o corpo do sujeito que envelhece, entre elas: a visão cultural, o apelo à imagem e as comparações com o modelo de jovialidade. Cada sujeito tem uma forma peculiar de lidar com o processo de envelhecimento; a maneira de encarar as mudanças decorrentes da nova etapa de vida está relacionada à história de vida do sujeito (Goldenberg, 2015).

Envelhecer implica em mudanças: mudanças na aparência, mudanças nos papéis sociais, mudanças no grupo de amigos e mudanças na vida familiar com a saída dos filhos de casa, por exemplo. E durante muito tempo essas mudanças foram vistas somente como perdas, por ser assim que elas se apresentam. Mas as perdas, em um processo de mudança, implicam também em ganhos, à medida que novas possibilidades vão surgindo (Blessmann, 2004, p. 34).

Ao realizar uma pesquisa com 13 mulheres entre 62 e 77 anos com o intuito de analisar como as histórias de vida contribuem para o estudo sobre o envelhecimento, Bassit (2011) percebeu que as mulheres não indicaram o processo de envelhecimento como preocupação central em suas vidas e que algumas formas de defini-lo ganhavam destaque, tais

como: período propulsor de aprendizados, uma fase de reconquista de autonomia; período permeado de abandono e solidão, momento de frequentes perdas de pessoas queridas e aquele no qual a doença se torna definidora – assim, ao se colocarem como pessoas saudáveis, negam a velhice. As diferentes maneiras de envelhecer apontadas nessa pesquisa permitem considerar esse processo a partir de atributos individuais e plurais que se circunscrevem na trajetória de vida.

As marcas do envelhecimento se concretizam no corpo e surgem, assim, a presença das rugas, os cabelos brancos e o ressecamento da pele como sinais desse processo; em muitos casos, nasce o desejo de controlar essas mudanças por meio de procedimentos estéticos. No caso específico da mulher, a menopausa assume nesse contexto um papel central, sendo interpretada como uma espécie de primeiro sinal (Sibilia, 2011; Araújo & Souza, 2015).

Pensar em formas de envelhecer é possível, mesmo que o propagado socialmente seja um imperativo de que a única forma está centrada em uma atitude de mascarar as transformações e de negar as dificuldades advindas desse envelhecimento, de modo que ocorre a produção de um sistema de antienvelhecimento que vende o ideal de uma velhice sempre saudável, livre de sofrimentos, colocando na pessoa a responsabilidade por promover esse estilo de vida. Pensar em outras estratégias de envelhecimento que não sejam centradas no imperativo do corpo jovem; entender a experiência de envelhecer como um processo múltiplo, e não único, em que o sujeito pode ser percebido e valorizado para além do que apresenta – um ser que carrega as marcas do tempo e que não se reduz à aparência; talvez assim se possa pensar em velhices (Maia, 2008).

Sanchez e Roel (2001) afirmam que as mudanças sociais influenciam no modo de envelhecer da mulher. Se antes o papel de passividade aprendido, o mandato de estar a serviço dos demais, com o desconhecimento dos próprios desejos, pôde levar a mulher mais velha a

desempenhar fortemente o papel de avó, hoje o envelhecimento tem sido, para algumas mulheres, tempo de realização de sonhos e desejos postergados. Essas mulheres ocupam-se de si mesmas e saem do lugar de resignação que até então lhes era imposto.

2.2 Termos empregados para categorizar a velhice

O surgimento de termos que visam classificar o fenômeno da velhice não pode ser entendido como um percurso natural da sociedade, sendo preciso entender os contextos históricos em que foram construídos, pois em diversas épocas e diferentes sociedades esse fenômeno está presente. Para melhor compreensão dos atravessamentos socioculturais, Araújo e Carvalho (2005) realizam um estudo sobre aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice e assim destacam que se trata de uma preocupação constante desde tempos remotos, mas que vem despertando maior interesse nas últimas décadas.

Motta (2006) enfatiza que, por meio da classificação das idades, são organizadas as culturas e as sociedades, e mais: a significação atribuída por elas é reconstruída e transformada constantemente, agindo como elemento fundamental, dinâmico e como mecanismo de poder, por fundamentar as relações sociais e de trabalho.

Debert (2007) destaca que, ao longo do desenvolvimento humano, o indivíduo se depara com as categorizações relacionadas à periodização da vida, e que as formas de classificação do curso de vida são percebidas como construções culturais que se referem a uma realidade social específica, pela qual são estabelecidos direitos e são definidas as necessidades da população. No processo de envelhecimento entre os termos classificatórios destacam-se: “velho”, “idoso” e “terceira idade”.

Segundo Peixoto (2007), os termos “velho”, “idoso” e “terceira idade” são utilizados no Brasil para classificar a pessoa envelhecida; essas categorias se referem a um determinado recorte da população, isto é, às pessoas que atingiram os 60 anos. O termo “velho”

inicialmente não possuía um sentido pejorativo — era, inclusive, utilizado nos documentos oficiais antes da década de 1960. No final dessa década, com a repercussão da mudança da imagem da velhice, o termo “idoso”, que não era muito empregado, passa a ser utilizado nos documentos oficiais e é considerado como um tratamento mais respeitoso, de modo que o termo “velho” adquire exclusivamente o sentido pejorativo, classificando, sobretudo, pessoas pobres, em estado de decadência, sendo excluído dos documentos oficiais. As mudanças nessas nomenclaturas não se traduzem na busca por uma visão ampliada do envelhecimento — surgem para dar conta de uma necessidade social. “Terceira idade”, por sua vez, surgiu para designar uma parcela da população tida como aposentados dinâmicos. Com essa nova proposta, cria-se um novo mercado de consumo voltado para esse público.

A expressão “terceira idade” é uma criação do francês Pierre Vellas, datada de 1960, para designar um envelhecimento ativo, e seu uso foi expandido em vários países, inclusive no Brasil, sendo percebida como uma espécie de demarcação de uma nova etapa entre a vida adulta e a velhice, considerada também como um movimento de transformação da imagem do velho e do mercado voltado para esse segmento, em que as atividades culturais, os produtos de beleza, bem como as novas especialidades profissionais surgem para designar essa nova sociedade de consumo (Neri, 2009; Peixoto, 2007).

Agregando-se ao rol dos autores que entendem que cada cultura tende a classificar e a periodizar a vida, Caradec (2016) e Blessmann (2004) caracterizam a terceira idade como uma criação social e acreditam que essa expressão está associada à ideia de liberdade, à ausência de obrigações profissionais, ao período em que se pode gozar do tempo livre, explorar novos horizontes, sendo concebido como um período positivo.

Para Silva (2008), a categoria terceira idade transforma a visão em torno da velhice, passando a significar um momento propício ao resgate de projetos inacabados na juventude. Período em que é possível se dispor ao lazer, transformar os laços afetivos familiares, cultivar

novos hábitos, estabelecer novas amizades, descobrir outras habilidades e gerar, desta forma, um novo sentido para vida.

Matos (2015) problematiza a terceira idade percebendo-a como uma invenção capitalista, que faz um recorte para pessoas ativas, dando a essa nomenclatura a função também de busca bem-sucedida do envelhecer, moldando estilos de vida a partir do modelo imperativo de ser ativo socialmente. Além disso, abre brechas para o entendimento de que há uma sequencialidade, isto é, a existência da terceira idade pressupõe a existência da primeira e da segunda e, no geral, é uma forma de camuflar a velhice.

Nota-se desde já uma série de modificações sociais que demarcam a utilização dos termos que se referem à pessoa envelhecida. Ao se pensar na transição do uso do termo “velho” para “idoso”, percebe-se que o primeiro foi empregado de maneira geral e apresentava uma ambiguidade entre um modo afetivo ou pejorativo, conferindo-lhe aos poucos um caráter predominantemente pejorativo, culminando em ações para mudar a nomenclatura por uma que fosse destituída de ambiguidade, assim o segundo termo “idoso”, começa a ser empregado de maneira menos estereotipada, sendo utilizado para demarcar no caso do Brasil, as pessoas com 60 anos de idade, cuja apropriação pelos dispositivos sociais conferiu alguns direitos (Peixoto, 2007).

As categorias são utilizadas também para o estabelecimento de direitos e ações protetivas, como destacado no Artigo 1º do Estatuto do Idoso: “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos” (Estatuto do Idoso, 2012). Percebe-se que o processo de categorização se articula com a forma como a sociedade compreende as fases da vida e

[...] as diferentes culturas sempre construíram significados para a vida, elaboraram periodização e desenvolveram sentidos e práticas próprias para cada etapa da vida, para cada passagem da vida, mas é na sociedade moderna que a periodização do curso da vida é institucionalizada (Barros, 2006, 43-44).

Matos (2015) enfatiza que há uma série de critérios para nomear o ser idoso e o mais comum se baseia no etário; é nesse sentido que temos a Política Nacional do Idoso, O Estatuto do Idoso e a Organização Mundial da Saúde, que definem como idoso a completude dos 60 anos em países em desenvolvimento e 65 em países desenvolvidos.

Nesse sentido, Debert (2007) afirma que a idade na sociedade atual é um elemento definidor na organização social. Essa institucionalização cronológica tem funções diversas, dentre elas a uniformização desde a infância até a velhice, definindo as formas de intervenção do Estado e da família. Cada vez mais, o Estado se faz presente na vida das pessoas, interferindo nas tomadas de decisões e normatizando condutas que vão desde a etapa da escolarização até a aposentadoria.

Entretanto, Medeiros (2006) afirma que esse cenário nem sempre foi assim, apesar da questão da velhice sempre fazer parte da vida e, por muito tempo, ser considerada uma questão privada, cabendo somente à instituição familiar responsabilizar-se pelos problemas desta fase da vida.

Para que uma categoria etária desse tipo se estabeleça como recurso efetivo para a formação das identidades pessoais, também é necessário que adquira legitimidade, se solidifique e dissemine no imaginário cultural, de modo a tornar-se referência para um grande número de sujeitos. São esses processos pelos quais parecem ter passado as categorias em análise: a velhice, por volta da virada do século XX; e a terceira idade, nas últimas décadas do mesmo século (Silva, 2008, p. 167).

A não identificação com a velhice, percebida como sinônimo de decrepitude, se fundamenta na crítica aos termos que foram sendo relacionados ao longo do tempo. As pessoas, na experiência do envelhecer, buscam afastamento da imagem pejorativa associada a tal termo (Justo & Rosendo, 2011).

Irigaray e Schneider (2008) criticam os inúmeros termos que são comumente usados para referir-se à velhice e destacam que a existência por si só de incontáveis expressões já

aponta para a complexidade do envelhecimento humano, bem como revela preconceitos socialmente embutidos, pois essas nomenclaturas não dão conta da valorização da imagem do ser que envelhece. A não apropriação desses termos pelo indivíduo também sinaliza que eles não querem parecer envelhecidos, afinal, seria como carregar uma série de conotações negativas estabelecidas socialmente.

Barros (2006) acredita que essas diversas formas de significações construídas socialmente demarcam as diferenças de percepção de cada etapa da vida, desde o nascimento até a morte. Ao se pensar na velhice como identidade social, deve-se levar em consideração os contextos em que as relações sociais se estabelecem, pois a forma como o envelhecimento é simbolizado é própria de cada cultura.

Algumas considerações sobre a velhice a partir de Beauvoir (1986) são interessantes para destacar que a velhice é reconhecida, primeiramente, por meio do olhar do outro. A autora considera, também, como um processo que pode ser libertador ao livrar o sujeito da ilusão de que a finalidade da vida é uma constante ascensão, uma vez que, ao se deparar com a velhice, é possível perceber que a sociedade constrói uma ideia de busca por propósitos para a vida que estão além do que ela de fato representa, e a proximidade da finitude permite desiludir-se.

É evidente que Simone de Beauvoir faz um recorte de uma determinada época e que a sociedade está constantemente em processo de transformação, mas algumas questões permanecem na atualidade, o que faz a obra *Velhice* ainda ser fonte de inspiração e questionamentos para vários pesquisadores. Nessa direção, Goldenberg (2015), em seu livro *A bela velhice*, aponta a possibilidade de viver de maneira positiva essa etapa de vida, pensando na perspectiva de encarar a velhice sem preconceitos, distante de uma padronização, sendo possível experimentar a beleza dessa fase, que, para ela, consiste em alternativas para

um envelhecimento feliz, que passa pelo encontro de um projeto de vida, pela aceitação da idade, como também pelo cultivo da amizade e pela conquista da liberdade.

3. A SEXUALIDADE DA MULHER NA ARTICULAÇÃO COM ENVELHECIMENTO

Nesse capítulo discute-se brevemente o conceito de sexualidade e como ele se configura na relação com o processo de envelhecimento. A aproximação das temáticas sexualidade e envelhecimento se fará por meio do entendimento de que ambos são considerados processos complexos e dinâmicos que resultam em constantes transformações na vida do sujeito. Para entender como a sexualidade se configura em combinação com o envelhecimento é preciso discutir a forma como se é estudada essa aproximação. Partiremos da conceituação da sexualidade levando em consideração alguns autores que versam sobre a sexualidade não se restringindo a uma abordagem especificamente, trazendo dessa forma algumas concepções teóricas e suas articulações com o envelhecimento. Nesse tópico também serão discutidos como a sexualidade da mulher vem sendo concebida e de que forma são estabelecidos os discursos relativos à sexualidade presentes no cotidiano dessas mulheres, partindo do pressuposto de que as questões relativas ao gênero assumiram uma nova dimensão e até que ponto essas novas formas de conceber a mulher provocam alterações nos discursos relativos à sexualidade. Num segundo momento prosseguiremos discutindo a sexualidade da mulher idosa, considerando que a forma de conceber a sexualidade se transforma de acordo com a etapa de vida. A maneira como a mulher lida com a sexualidade depende de diversas questões, tanto do ponto de vista individual como coletivo.

3.1 Conceitos de Sexualidade

Há uma diversidade de compreensões sobre o que vem a ser a sexualidade, o mais prudente nesse caso é destacar que a forma como a sexualidade vem sendo estudada e percebida ao longo dos séculos contribui para ampliação das concepções sobre ela e confere visibilidade a essa temática.

Algumas correntes teóricas, a despeito da Psicologia, Sociologia e Antropologia, versam sobre o estudo do que vem a ser sexualidade. Iniciemos pela compreensão psicanalítica que desconstrói a ideia do surgimento da sexualidade a partir da puberdade, expondo elementos contrários à negação da sexualidade infantil. O ideal genital reprodutivo vai dando espaço para uma sexualidade marcada pela fantasia e heterogeneidade, e entende que a sexualidade dita normal trata-se de uma construção social (Freud, 1901/1905).

A sexualidade é entendida a partir de processos culturais e plurais que pressupõem uma diversidade de expressões dos desejos e prazeres, envolvendo representações e fantasias, de forma que falar em sexualidade vai além de um discurso pessoal: trata-se de uma questão social e política e envolve diversas formas de manifestações peculiares a cada sujeito. As crenças e os valores culturais influenciam na maneira de lidar com as questões de natureza íntima e conduzem a uma diversidade de significações que ganha destaque por meio do comportamento dos indivíduos. Não obstante, a forma de compreender a sexualidade depende do contexto histórico e cultural (Louro, 2000).

Discutir os aspectos constituintes da sexualidade é relevante para o entendimento do ser humano como ser singular e relacional, isto é, dotado de subjetividades numa constante interação entre afetar e ser afetado pelo ambiente no qual está inserido. O estudo da sexualidade permite ampliar a visão sobre a constituição do ser humano, remetendo à complexidade desse ser em processo contínuo de transformação (Butler, 2000).

Weeks (2000) concebe a sexualidade como a união de duas questões centrais: a preocupação com a subjetividade humana e com a sociedade. Entrelaçada a elas está a representatividade do corpo por meio do tempo. Assim, à medida que a sociedade se volta para esse corpo, interfere na vida das pessoas, buscando discipliná-lo e criando métodos planejados para compreensão do eu, a partir do entendimento e do controle sobre o comportamento sexual.

Historicamente, a sexualidade da idosa foi negada ao reduzir o envelhecimento a um período assexuado e vulnerável, o que impossibilita vincular o envelhecimento à vivência sexual. Percebe-se então a criação de um mito relativo à não existência da vida sexual; assim, ao discutir a sexualidade da mulher idosa, é possível dar visibilidade à sexualidade nessa etapa de vida e contribuir para o rompimento de alguns de tabus (Eloi, Dantas, Maia, Santos & Souza, 2017).

Almeida e Patriota (2009) destacam que ao longo dos séculos a temática sexualidade foi reduzida à procriação. À medida que essa visão reducionista vai sendo criticada, surgem novos olhares diante da sexualidade; e no que se refere à mulher idosa, torna-se possível questionar as formas de expressão, ampliando a compreensão de que em cada etapa da vida o indivíduo manifesta a sexualidade, e que o desejo e a atividade sexual não cessam no decorrer do aumento de idade, contudo, alguns estereótipos podem impedir que as mulheres se desapropriassem de tabus.

3.2 O corpo na experiência do envelhecer

Inúmeras mudanças ocorrem na mulher com o passar da idade, sendo a mais discutida e encadeada de mitos a menopausa, nome dado à última menstruação feminina. Muitos autores já exploraram esse assunto e entendem a menopausa como um marcador social do processo de envelhecimento que altera a forma de lidar com o corpo na expressão de sua sexualidade. Fernandes e Garcia (2010) realizaram pesquisa referente à percepção das mulheres acerca dos seus corpos. Esse estudo revelou que a menopausa é considerada um problema do corpo e que as transformações oriundas da cessação da menstruação são percebidas negativamente. Na cultura brasileira, a menopausa está associada à perda da beleza, à configuração de um corpo afligido pelo calor e pelo ressecamento.

Antigamente, acreditava-se que nesse período as mulheres apresentavam declínio das capacidades física e psíquica. Hoje, é possível entendê-la como uma fase de adaptação que provoca mudanças diversas: infertilidade, ondas de calor, aumento de peso, diminuição do desejo sexual e perda da lubrificação vaginal. Tais transformações impactam na forma de significar a vida nessa etapa (Bento, Gonçalves & Prizmic, 2007).

O corpo envelhecido é negado e desvalorizado pelo o ideal de beleza socialmente estabelecido e tal fato ocasiona a não aceitação desse corpo. A imagem da velhice usualmente é contraposta à juventude, reforçando o culto ao corpo jovem e, dessa forma, criam-se estereótipos para a velhice, provocando sofrimento (Barbosa, Matos & Costa, 2011).

Os sinais do envelhecimento corporal provocam nas mulheres reações diversas, não apenas pela preocupação com a saúde e capacidade física, mas também pela preocupação de ordem estética. O registro mental que se faz da aparência mobiliza na mulher sentimento de insatisfação e recusa do corpo envelhecido, ou o não reconhecimento desse corpo (Barros, 2011).

As mudanças corporais decorrentes do processo de envelhecimento podem impactar a autoimagem feminina e proporcionar o sofrimento psíquico. A visão social a respeito da mulher envelhecida pode trazer consequências no enfrentamento desse processo de envelhecimento (Germano, Nascimento & Valença, 2010).

Com o intuito de adequar-se aos modelos socialmente aceitos, inúmeras mulheres na terceira idade realizam investimentos estéticos visando ao controle dos sinais corporais do envelhecimento, por meio de cirurgias estéticas, reposições hormonais, o que configura a busca para ultrapassar os limites naturais do envelhecer (Debert, 2011).

Ainda no que se refere às mudanças relativas à aparência, Neves (2016) discute os padrões de feminilidade que incidem sobre o corpo feminino destacando a presença do cabelo branco como um estigma para a mulher envelhecida, uma espécie de elemento de

diferenciação ou desvantagem. Isso talvez explique o fato de o Brasil estar no topo da relação dos países que mais consomem produtos de colorante capilar, mas essa realidade vem se transformando. Por meio de uma pesquisa, ele percebeu que o cabelo branco remete ao processo de envelhecimento e que, apesar de representar um estigma, existem mulheres que desafiam as normas e contestam essa regra social, sentindo-se bem e optando por não tingir o cabelo.

Em outra perspectiva, Limoeiro (2016) destaca uma ambivalência na percepção do envelhecer: o aspecto negativo em relação ao envelhecimento centra-se na perda da energia física, na falta de entusiasmo, na chegada da menopausa e na perda da capacidade reprodutiva – essas perdas provocam uma dificuldade de se perceber como mulher de desejo; do outro lado, destaca-se a perspectiva positiva focada nos ganhos advindos da experiência –, nesse sentido, a aquisição de conhecimento funciona como elemento de compensação.

A mulher idosa se depara com mudanças corpóreas não reforçadas socialmente. No imperativo da forma perfeita as rugas devem ser mascaradas, a imagem do corpo idoso não é sexualmente atrativa e a não aprovação social torna a velhice um estado corporal vergonhoso, transformando-se numa tarefa árdua no mundo no qual a juventude tem seu apogeu, valendo qualquer esforço para adquirir a aparência jovial (Sibilia, 2011).

3.3 Sexualidade e envelhecimento

Durante séculos, a mulher foi símbolo de passividade e educada para o casamento, cabendo a ela a tarefa de ser dona do lar e satisfazer os desejos do “senhor seu marido”. Ao passo que o homem simbolizava a virilidade, cabia a ele ser provedor da família, ingressar no mercado de trabalho e ser ativo socialmente. Todas essas distintas funções relevam a diferenciação a partir do gênero (Justo & Rodrigues, 2009).

Bourdieu (2012) entende que a relação sexual é mediada por meio de uma relação social de dominação masculina em que a mulher curva-se diante da autoridade masculina e de toda moral social que dita os seus papéis sociais e inclui a passividade e fragilidade como referência ao ser mulher, nesse sentido, o corpo da mulher é marcado por um constante engessamento. Falar do rompimento dessa contensão social é ir na contramão da naturalização e da aceitação do signo de dominação.

No contexto histórico em que a relação sexual era vista pelo olhar masculino, as mulheres carregavam o aprisionamento ou até mesmo aversão às relações sexuais, restringindo assuntos relacionados à sexualidade feminina ao cônjuge; carregavam em si as marcas dessa cultura que interferia na maneira de lidar com a sexualidade. Para promover mudanças nessa forma de pensar e agir a respeito da sexualidade e de fato concretizar a liberação sexual em uma sociedade imperada pelo patriarcalismo foi necessário lutar (Rocha, 2009).

Ao envelhecer, a mulher tende a lidar com duas questões cruciais: uma relativa a transformações e limitações; outra, a preconceitos sociais atribuídos em termos como “melhor idade”, “vovozinha”, e “dona do lar”, como se o futuro dela estivesse voltado para mais um tipo de submissão e anulação do ser mulher. Ao referir-se à sexualidade, torna-se alvo de desdém, tida como “velha assanhada”, impertinente, além de ser criticada por está se comportando de “forma inadequada para sua idade”. Essas problemáticas que permeiam a sexualidade da mulher são sintomas de uma cultura que historicamente diminui a mulher – à medida que envelhece, ampliam-se os estigmas.

A apropriação da sexualidade de maneira liberta nem sempre é possível em decorrência de ideias introjetadas ao longo da juventude, que podem influenciar o enfraquecimento da capacidade de manter relação sexual na terceira idade. Além disso, os paradigmas religiosos, que concebem a relação sexual como função estritamente reprodutiva,

interferem na maneira da idosa conceber a manifestação da sexualidade (Almeida & Lourenço, 2007).

Os estereótipos e mitos também podem provocar na pessoa idosa o sentimento de culpa e vergonha por sentir prazer e pelo desejo de manifestar sua sexualidade. Tal realidade tem possibilidade de ocasionar a renúncia ou ocultação das práticas sexuais como forma de se proteger da discriminação sociocultural (Barbosa & Fávero, 2011).

Para Bento, Gonçalves e Prizmic (2007), Barbosa e Fávero (2011), a frequência da atividade sexual diminui, mas não significa dizer que o desejo sexual se dissipe, este pode continuar favorecendo o estabelecimento de uma vida sexual ativa. Nessa etapa, a quantidade de vezes que é estabelecida a relação sexual não faz parte da preocupação da idosa e a comutação de orgasmo é substituída pela qualidade na relação.

A renúncia de comportamentos sexuais não pode ser reduzida à ausência de parceiros, pois muitas idosas renunciam mesmo dispondo deles, de modo que também não deve ser percebida como própria da velhice. Uma das explicações possíveis para o abandono dessas vivências sexuais refere-se à internalização ao longo da vida dos valores e estereótipos sociais em relação à sexualidade (Arent, 2003).

Manifestar-se sexualmente vai além do ato sexual, constitui-se como forma de expressão dos desejos que permeiam a dinâmica sexual da mulher, permitindo a livre expressão de sentimentos, fantasias e vontades. Essas manifestações sexuais ganham sentido na intimidade. De acordo com Barbosa e Fávero (2011), variadas possibilidades sexuais compõem a atividade sexual da pessoa idosa, entre elas as carícias, masturbações e fantasias eróticas. O interesse sexual e as carícias corporais não se estagnam com o decorrer do tempo.

4. PESQUISA EMPÍRICA

4.1 Método

Participaram dessa pesquisa três mulheres na faixa etária entre 61 e 75 anos que frequentam a *Beer House*, uma casa de shows situada na Orla da Atalaia em Aracaju, Sergipe. Para realização dessa pesquisa foram utilizados dois instrumentos: diário de campo baseado na escrita etnográfica e entrevista pautada na escuta psicanalítica.

No que tange à escrita etnográfica, ao realizar o trabalho de campo o pesquisador tem como etapas iniciais o olhar e escutar, e posteriormente o escrever, que se baseia na articulação entre o campo e a construção textual; assim, se constitui como a produção do conhecimento da qual o pesquisador, como participante desse campo, aprofunda as descrições e reflexões. Assim, o diário de campo se estabelece a partir da rememoração do pesquisador de forma que a memória se destaca como elemento riquíssimo, permitindo ao pesquisador retornar aos momentos vividos transpondo essas vivências, por meio do texto, para o presente. Pode assim interpretar os dados ao se colocar como participante no campo de pesquisa. Há um processo de dinamicidade nas faculdades de olhar, escutar e escrever e, ao se apropriar dessas singularidades, torna-se possível para o pesquisador realizar um trabalho de reflexão contínua (Oliveira, 1996).

Numa perspectiva distinta, a psicanálise funcionou como guia metodológico, “a pesquisa psicanalítica deve fundar-se na possibilidade da enunciação do inconsciente, e sua reflexão metodológica pode ser descrita como a discussão sobre as condições dessa enunciação” (Coelho & Cunha, 2017). Para entender as particularidades da pesquisa de campo num delineamento psicanalítico fundamentado na ideia de “deixar o campo falar”, partimos do desdobramento dessa teoria, para o uso possível como método de pesquisa em psicologia social. Batista (2011) destaca que a obra freudiana é indispensável na compreensão

dos fenômenos sociais, e ao transpor os métodos psicanalíticos para uma pesquisa de campo cabe atentar para o funcionamento de dois elementos importantes na técnica psicanalítica: a associação livre, que consiste em falar livremente sobre o que lhe vier, e a atenção flutuante, que consiste em ouvir o que o outro traz sem buscar fixar a sua atenção na memorização dos discursos.

Coelho e Cunha (2009) ressaltam que são necessárias algumas orientações ao pesquisador que se propõe utilizar a psicanálise na prática da pesquisa em relação aos procedimentos: permitir que o trabalho de levantamento de dados seja produzido no próprio campo, garantir a presença da associação livre, por meio do discurso dos sujeitos envolvidos na pesquisa, cabendo ao pesquisador se apropriar da posição de escuta e deixar que o sujeito conduza livremente sua enunciação. Um segundo eixo refere-se à demarcação de limite para o saber do pesquisador, partindo do necessário confronto entre o inconsciente do pesquisador e os afetos que o mobilizam. Sendo importante que o pesquisador mantenha também a análise pessoal – trata-se de uma recomendação que está presente no texto de recomendações aos médicos e que também se mantém para o pesquisador.

“É preciso estar preparado para escutar algo mais, para ser pego de surpresa por uma fala supostamente fora do lugar” (Coelho, 2012, p.254). Ainda sobre as particularidades da pesquisa, Michel (1986) ressalta que em Ciência Humanas o pesquisador e o objeto são da mesma natureza, a relação pode ser entendida como um espelho, se abrindo para todos os problemas de identificação e de transferência e, assim, nessa perspectiva, estão envolvidas as demandas do próprio pesquisador. Considera-se que esse é o primeiro objeto de pesquisa, sendo necessário que se defronte com questões de origem, de natureza e de destino; essas questões podem ser traduzidas nas seguintes interrogações: De onde venho? Quem sou? Onde vou? O pesquisador, então, se defronta na sua pesquisa com as inquietações sobre si, sobre as implicações na pesquisa e o que resultará desse conhecimento, questões essenciais para que

possa se reconhecer na pesquisa, aprendendo a lidar com essa relação em que a ética e a metodologia reencontram o rigor.

A psicanálise porta uma dimensão própria de sujeito e de objeto, a qual constitui o seu método específico de pesquisar e em que o desejo do pesquisador faz parte da investigação e o objeto da pesquisa não é dado *a priori*, mas sim produzido na e pela investigação. Pautada pela dimensão do enunciado e da enunciação do discurso, a pesquisa psicanalítica produz conhecimento interceptando a transmissão de dogmas e de idealizações, mediante o conhecimento de uma série de contextos e histórias, acrescido de articulações fora da história oficial (Domingues & Rosa, 2010, p 182).

As considerações metodológicas apresentadas aqui constituem um dispositivo importante para compreensão do desenvolvimento da pesquisa. Por último, nessas considerações, retomamos brevemente as questões da aplicabilidade da pesquisa. Consideramos como etapa importante a descrição dos instrumentos utilizados neste estudo, assim também faz necessário descrever os procedimentos. Foram realizados alguns recursos técnicos destinados a estabelecer uma articulação com o modo de fazer pesquisa, dentre eles a submissão do trabalho ao comitê de ética e, no momento da entrevista, fornecimento de informações sobre o estudo. Também foi solicitado que as participantes assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram gravadas com autorização das participantes e posteriormente foram transcritas e analisadas. Ao dar voz às mulheres, buscamos captar por meio dos seus discursos o que aparecia diante da pergunta sobre a sexualidade a fim de entender a experiência da sexualidade na relação com envelhecimento.

4.2 A aproximação do campo de pesquisa

Nossa aproximação foi iniciada em março de 2017 e finalizada em abril de 2018. Inicialmente, foi realizado um trabalho exploratório, momento que consistiu em visitas à casa de show *Beer House*, espaço localizado numa área nobre de Aracaju e que ocupa um lugar privilegiado por ser referenciado como o melhor espaço com programações voltadas para idosos, além de ser percebido socialmente como local de paquera no qual é aceito a expressão da sexualidade da mulher idosa. No que se refere ao público do *Beer House*, há predominância de frequentadoras do sexo feminino. Percebe-se também que há o encontro de diversas classes sociais, o que faz da casa de show um espaço de configurações sociais múltiplas.

O período de aproximação do campo de pesquisa se constitui pela inserção da pesquisadora na programação desse espaço, participando das festas temáticas e conhecendo não apenas o funcionamento como também o público que ali frequentava, sendo possível estabelecer as primeiras conversas com mulheres foco desse estudo. A inserção nesse espaço foi registrada no diário de campo, como forma de melhor apropriação dessa experiência.

A participação em festas temáticas – a exemplo da noite da paquera, noite do vermelho e preto, noite dos sinais, noite do tango, dentre outras – permitiu fazer parte do público ao passo que também foi observado como esses eventos mobilizavam as mulheres, pois elas se caracterizavam para melhor representar cada tema preconizado nas festas. Nesse espaço, aos poucos foi possível estabelecer contato com as entrevistadas, sendo que as primeiras aproximações foram mediadas por uma funcionária do estabelecimento e as demais foram conduzidas apenas pela pesquisadora.

Percebe-se que foram estabelecidos dois momentos: um que consistiu numa conversa informal com cinco mulheres, o que permitiu abrir espaço para reflexão e entender que as

entrevistas precisariam ser conduzidas em outro local, devido ao barulho e o tempo que disponibilizariam. Assim, as aproximações deveriam consistir em explicar a proposta da pesquisa, convidá-las para participar; uma vez aceita, solicitava o contato para que pudesse posteriormente marcar a entrevista.

No segundo momento, as três participantes foram convidadas, sendo que, como critério de escolha, elas precisavam ter idade igual ou superior a 60 anos e serem frequentadoras daquele espaço. Em meio a tantas mulheres, essas três chamaram a minha atenção e a aproximação para convidá-las ocorreu de maneira distinta. Violeta chamou a atenção pela dança, e a aproximação ocorreu no momento em que ela voltou para mesa e ofereceu uma taça de vinho; foi então estabelecida uma conversa. Em outra noite em que o tema era “a noite da paquera”, Flora e Brigitte foram convidadas a participar da pesquisa. Ambas estavam em mesa mais distante do palco e na companhia de amigas, elas foram bem agradáveis, mas não demonstraram tanta abertura como Violeta.

Posteriormente foi realizado contato via telefone, momento em que foram agendadas as entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada entrevistada. Por escolha dessas mulheres, o local de encontro foi a casa delas. No que tange à condução da entrevista, partiu-se de uma questão norteadora: “Fale-me sobre a sua sexualidade”. No decorrer das entrevistas, a partir da fala dessas mulheres, foram realizados alguns questionamentos.

4.2.1 O diário de Campo

O diário de campo foi sendo elaborado a cada contato realizado, sendo assim registradas as descrições e as impressões construídas no decorrer da pesquisa. Esse instrumento sistematizado contém descrições do espaço, relatos das observações e reflexões sobre cada vivência, tratando-se de uma ferramenta essencial para compreender não apenas o campo, como também a forma de condução da própria pesquisa.

Essa etapa exploratória da pesquisa foi iniciada em 16 de março de 2017 e finalizada em 13 de abril de 2018. Consistiu na ida ao *Beer House*. Inicialmente foi feito o levantamento de algumas informações, a partir daí entendemos que a proposta desse espaço centrava-se em noites dançantes com diversidade de estilos musicais, aberto de sexta a domingo. Todas as sextas-feiras acontecem festas temáticas, a empresa que é responsável por essa festa atua no espaço há 14 anos.

As visitas foram realizadas nos três dias de funcionamento, de modo que cada noite possuía uma proposta diferente: na sexta-feira aconteciam os bailes à fantasia, a noite do vermelho e preto, festa dos sinais, noites da paquera, noite do tango dentre outros temas explorados. No sábado, a programação abrangia diversos ritmos, normalmente tipos musicais diferentes: bolero, forró, arrocha, brega, axé, dentre outros. Já no domingo havia sempre a mesma atração, a proposta definida como uma viagem musical aos bons tempos, acontecendo assim o resgate das serestas.

O local que escolhi para sentar permitia a visualização de todo o espaço. As primeiras visitas ao *Beer House* aconteceram na companhia de amigos; aos poucos fui participando sozinha de algumas programações, sendo convidada para dançar, recebendo cantadas. Gradualmente, tornei-me familiar às pessoas que trabalhavam no espaço. Numa determinada etapa predominou a vontade de não ir ao *Beer House*; a única coisa que me

impulsionava era saber da existência de um prazo, que era preciso continuar para assim dar andamento à pesquisa. Nesses momentos, ao chegar próximo dos dias de funcionamento, aumentava em mim o cansaço; ao pensar que teria que sair de casa à noite e sozinha, ficava extremamente desmotivada.

Aos poucos ir ao *Beer House* foi se tornando menos difícil. À medida em que lá foram sendo estabelecidos contatos com as entrevistadas, o processo se tornou divertido e, em alguns momentos, não percebia o tempo passar. Continuei tendo momentos frustrantes, a exemplo de não conseguir entrar em contato pelo número fornecido por algumas idosas que convidei. Com efeito, foi preciso escolher novas participantes e convidá-las. Esses momentos foram de extrema importância para o andamento da pesquisa, a ida ao campo permitiu conceber o *Beer House* como elemento importante da pesquisa, assim também a dança foi concebida como ponto significativo para pensar a sexualidade dessas mulheres.

4.3 Identificação das Participantes

Tabela 1 - Dados das Participantes

Nome	Idade	Tempo que frequenta o Beer House	Estado Civil	Escolaridade
Violeta	63 anos	Mais de 10 anos	Casada	Ensino médio
Flora	75anos	Mais de 10 anos	Solteira	Fundamental incompleto
Brigite	61 anos	Mais de 10 anos	Casada	Ensino superior

Nessa descrição fez-se uso de nomes fictícios para preservar as identidades das participantes. A idade das frequentadoras nesse recorte esteve entre 61 e 75 anos. No referente ao nível de escolaridade, Flora possui, no comparativo com as demais, um nível inferior de educação formal, o que se justifica pela vida voltada exclusivamente para a criação dos filhos e dedicação ao marido. As três participantes residem em área urbana e duas moram sozinhas, Flora mora com a família. Todas estavam em relacionamentos afetivo-sexuais heterossexuais, apesar de esse não ser um critério de inclusão para participação. Essas mulheres, além de comparecerem às festas assiduamente, frequentavam o espaço há mais de dez anos. Violeta foi a entrevistada que encontrei diversas vezes durante a etapa exploratória.

4.4 Análise das Entrevistas

Neste tópico constam as análises realizadas após a releitura das entrevistas, o que num primeiro tempo foi feito separadamente. Cada subtópico foi nomeado com os nomes fictícios das entrevistadas.

4.4.1 Análise 01 : Violeta

A primeira reação que Violeta traz em seu discurso refere-se à dificuldade de falar sobre o assunto, ela diz: “Já estou assim sem saber como falar [risos], porque pra falar a verdade eu nunca fui assim de falar muito, eu falo hoje, mas eu sou muito tímida”. No decorrer da entrevista, ela retoma dizendo: “Eu não sei nem como falar sobre o seu tema”. “Então, assim, o seu tema fica difícil eu falar”. Essa dificuldade, segundo a entrevistada, está associada à sua história de vida, sendo importante conhecer o seu passado e entender como foi criada. Dessa forma, menciona: “[...] estou fugindo um pouco do seu tema, mas é para você entender a minha vida”; e acrescenta: “falar no meu passado é como se ele tivesse vivo em mim, e que talvez seja isso que dificulta viver o hoje”.

Esse discurso certamente tem ligação com a forma como essa temática foi conduzida ao longo da sua vida, o que confere importância a vivências do passado para a compreensão da sexualidade da entrevistada; apesar da repetição em seu discurso da dificuldade de falar sobre sexualidade, Violeta foi aos poucos se desprendendo dessas amarras e no decorrer da entrevista partilhou suas experiências.

Desta feita, Violeta faz os seguintes relatos sobre relações estabelecidas com homens:

O homem só se aproxima da mulher pensando em dinheiro ou sexo, viu [...] E a maioria, quando vir uma mulher da minha idade morando só, quer fazer isso; é vim visitar e achar que vai vir pra minha cama.

Atração física, eu canso de dizer atração física, porque pra minha idade eu estou bem.

Percebe-se a partir dessas falas que o conceito sobre homens nas relações está pautado por diferentes percepções; por um lado, o homem é percebido como quem reduz a relação à busca de prazer e vantagens financeiras; outros focalizam somente a atração física, e nesse quesito a atração por mulher mais velha passa pela ideia de mais experiência sexual. É possível perceber também nesse fragmento o medo de que os homens se aproximem por dinheiro.

Há no discurso de Violeta uma terceira percepção fundamentada na ideia de relacionamento para a vida inteira, ela enfatiza: “Eu fui criada de uma forma que pra mim o casamento teria que ser assim: ambos vivessem bem para que o casamento fosse eterno”. Foi possível perceber que embora sua criação tenha sido voltada para o casamento, que demarca certo contexto social no qual a mulher era preparada para corresponder ao papel de esposa zelosa, há na sua história de vida um rompimento parcial dessa relação. O fim do casamento repercute na história de vida de Violeta, representando não só a ausência de um marido, mas também de um pai para seus filhos, e isso contribuiu para a posição de mãe que assume dois papéis e tanto se coloca com o papel de acolhedora, como da figura controladora, conforme falas abaixo:

Quando eu me separei, passei cinco anos só mesmo cuidando dos meus filhos, da minha casa e do meu trabalho e minha vida era só isso [...] por questões de alguns acontecimentos que houve eu passei a ser mãe e pai de meus filhos.

Ele [o filho] também tinha umas amizades que não era do meu agrado. Já que eu não permitia ele está na casa do pessoal [...] eu preferia que ele levasse pra lá [pra casa], só que eu tinha o direito de escolher quem ia, porque tinha umas amizades que eu realmente não queria.

Violeta traz o relacionamento com os filhos sempre na posição da mãe que, por experiência, sabe o que é melhor para o outro e assim justifica a interferência na vida dos seus filhos como forma de encaminhá-los para o que ela acredita ser o melhor para eles. Na relação com o filho ela acredita ter um bom desenrolar dessas interferências: “Eu o deixei amparado, mas só dando o básico, com três meses ele foi trabalhar. Para mim, eu dei a vara pra ele pescar porque eu estava dando o peixe [...] ele se fez homem e hoje é um trabalhador”.

A relação com a filha, por outro lado, vem permeada de comparativos e certa rivalidade, conforme recorte abaixo:

Já a minha filha é bem diferente de mim, é bem diferente, às vezes eu penso que ela é quem está certa, porque não sofre, eu acho, né? [...] ela não é como eu que o ficar com a pessoa assim é gostar, se si apaixonar; pra ela, teve uma posição, então tá bom. Não sei se é defeito dela ou se é meu, mas nós somos bem diferentes. Terminou um, começou outro e pegou gravidez [...] minha filha sempre foi assim e não conseguiu independência nenhuma, porque independência primeiro tem que ser independência financeira, e ela não tem. E ela sempre deu muito trabalho, e o menino, não.

Percebe-se que o discurso de Violeta é atravessado pela comparação com a filha, com destaque para a rivalidade. A comparação também surge ao dizer que a filha não tem independência financeira, sendo, nesse caso, o seu oposto; uma vez que Violeta refere-se a si mesma como alguém que por meio do trabalho conseguiu a independência financeira: “Eu trabalhei muito para não depender de ninguém”.

O discurso de Violeta é fortemente marcado pela valorização da independência, autonomia e liberdade, atributos que ela articula com vários aspectos da vida.

Violeta:

Chegou uma fase que eu precisei ter essa liberdade pra sair sozinha, porque às vezes eu saio só, amadureci. Comecei a chamar um e chamar outro pra sair e aí ninguém nunca podia e diziam: hoje eu não vou por isso, por aquilo. Até hoje isso acontece, aí eu digo: olhe eu tenho dinheiro, não dependo de ninguém financeiramente, então eu vou começar a sair só, porque se eu pago meu transporte, eu pago onde eu entro; pago as minhas contas, então, eu não preciso ficar me limitando a ter com quem sair.

As ideias de autonomia e liberdade no discurso de Violeta não estão vinculadas somente a sair sozinha, dançar sozinha ou ter recursos financeiros suficientes para organizar a vida, estão apoiadas mais na demarcação de não precisar de um homem; isso se repete no decorrer da pesquisa, conforme abaixo:

Porque hoje, além de ter a minha estabilidade, a minha independência, eu me considero independente na maioria [do tempo], né, 90%, talvez; pra que eu vou enfiar um homem dentro de minha casa, correndo o risco de ser agredida, correndo o risco de sei lá, de ser desvalorizada?

Eu batalhei muito e não dependo de ninguém [...] eu precisei andar sem precisar de ninguém; claro que todo mundo precisa, mas eu digo, assim, de um apoio de um homem pra criar meus filhos, pra me sustentar.

Violeta novamente traz o signifiicante *medo*, aqui vinculado à possibilidade de agressão e, assim, manter-se sozinha também funciona como proteção. Essa ideia de maltrato pode estar associada ao tipo de relacionamento vivenciado por ela, mas no decorrer da entrevista não dá detalhes. O dinheiro também aparece como outro signifiicante importante no discurso de Violeta, pois demarca independência: “quando eu pude brincar [de] quadrilha? Quando eu comecei a trabalhar”. A aquisição do dinheiro figura como uma forma de usufruir

o que antes não havia a possibilidade. Parece que Violeta consegue ter dinheiro para o seu padrão de consumo, mas o que é esse dinheiro para ela? Ela destaca:

Violeta:

Eu tenho dinheiro, não dependo de ninguém financeiramente [...] Eu vejo que a maioria das mulheres às vezes sai, que eu sei, com o dinheiro da passagem e a volta a deus-dará – é fulano que paga, é fulano que paga uma bebida; e eu não, só saio se eu tiver o meu transporte, o dinheirinho da minha entrada, da minha conta [...] A maioria dos homens que paga alguma coisa pra você quer levar você para o motel e eu não me permito a isso.

O dinheiro é um significante que aparece no discurso para demarcar também uma mudança de posição em relação ao homem:

E hoje vivo o que tenho direito, eu não saio esbanjando, mas muita gente acha que eu tenho uma vida farta [...] mas muita gente pensa que eu me visto com roupas caras, mas não, só que eu sei me posicionar; tem gente rica que não tem elegância, pode vestir o que for, mas não tem elegância, charme, e eu tenho isso e isso chama a atenção das pessoas.

Já o “ser rica” aparece no discurso de Violeta de forma repetitiva, seja ao falar sobre paquera ou quando afirma: “Não sei o que o povo vê em mim, principalmente o homem mais novo, não sei se acha porque eu sou rica”. Ainda, relacionando ao olhar do outro, diz: “[...] acho que a pessoa pensou que eu era rica, com um mês eu já vi que não dava certo, mas a pessoa insistia, queria entrar e morar comigo, pra quê? Achava que eu tinha dinheiro”. Para Violeta, o termo *rica* demarca, por um lado, a concepção de que consegue ser percebida como a que tem condições de suprir com suas necessidades financeiras, tem mais que o suficiente

para a sobrevivência; é também requisito de atração para homens que veem a posição social da mulher mais velha como possibilidade de exploração financeira.

É interessante como esse termo aparece, pois apesar de perceber no decorrer da entrevista que se trata de uma pessoa de classe média baixa, que economicamente não seria considerada rica, ela rompe com essa associação de rica fundamentada unicamente na posição econômica e diz: “Hoje eu tenho um irmão que diz que eu sou rica. E sou mesmo, graças a Deus, porque eu trabalhei para construir uma casa; pra ter tudo que eu tenho hoje, eu trabalhei muito”. Assim, Violeta traz um sentido para o ser rica que se apoia na ideia de poder abrir mão de fazer aquilo que não quer; logo, não se sente obrigada a manter uma relação sexual com um homem que não deseja. Marcar uma independência e para, além disso, positiva uma série de coisas que seriam negativas: o fato de não ter namorado, de morar sozinha, tudo que no contexto social em que está inserida é desvalorizado passa a ser valorizado a partir dessa ideia de que ela faz isso porque não precisa, Violeta pode não fazer o que não quer.

Em seu discurso sobre sua sexualidade, a entrevistada traz também a dança – essa temática vai sendo associada à liberdade, ao sexo e à sedução, de modo que ocupa um lugar de destaque para a vivência da sexualidade, sendo uma forma de comunicação com o mundo repleta de significações:

Violeta:

Eu digo que a dança pra mim é quase tudo, é com o que eu me ocupo, é a minha terapia, né, que eu amo mesmo; eu sou apaixonada pela dança [...] porque a dança ocupa, eu digo assim, até essas falhas de meus filhos. Pra mim é uma terapia fazer dança e ao mesmo tempo sair pra dançar, porque lá (Beer House) eu danço. [...] O ponto que eu me libertei e me liberto cada vez mais da vida é esse e pra mim é lazer. Eu hoje danço solta, eu me sinto com essa liberdade, o conhecimento que eu tenho, danço solta; e muita gente me admira por isso, que eu não paro, eu vou pra me divertir e eu me divirto.

A dança para Violeta adquire vários significados, podendo ser percebida como uma expressão de liberdade na medida em que se coloca como segura para dançar sozinha; é também uma forma de socialização, pois ao sair para dançar ela estabelece contato com outras pessoas com quem pode criar vínculos de amizade; é também um elemento de sedução, em outras palavras, uma arma de conquista e, de acordo com a entrevistada, um substituto do sexo, na medida em que busca a dança para não buscar uma relação sexual: “[...] é a minha distração, ao invés de eu pensar em homem, eu [sou] apaixonada pela dança, procurei dançar”. Por outro lado, para Violeta o corpo está associado à dança como meio de obtenção de um prazer, esse que carrega uma série de marcas também é considerado como elemento de sedução. Há nela certa necessidade de exibição e a crença de que as pessoas são atraídas pela sua estatura física, sendo assim um objeto de desejo. Ela destaca: “Eu percebo, assim, que eu passo, mesmo sem querer, como uma pessoa atraente”.

Como situado por Violeta, por meio da dança ela estabelece relações sociais e se sente viva. Nesse sentido, o *Beer House*¹ ocupa um lugar na vida dela, e sobre esse espaço ela destaca:

Eu me sinto em casa, pelos anos que eu frequento [...] se você vir minhas fotos do face é coisa [vários momentos registrados], festa que eu nem tinha celular ainda, eu não tinha as fotos que ela registrava. Então, eu frequento há muito tempo. Eu me sinto em casa, me sinto em família. [...] Comecei a frequentar a festa que era uma vez no mês, o tema era “Noite da Paquera”. Depois começou a fazer por semana, e eu sempre fui, era minha área de lazer mesmo, o único lugar que eu saía além de trabalhar, e aí depois eu comecei a fazer dança.

¹ Casa de Show.

Por meio da verbalização de Violeta, é possível perceber que nesse espaço ela se sente bem, estabelece relações de amizade. Ela também compreende que esse é um espaço para paquera e que existem alguns posicionamentos:

Então, pelos anos que eu frequento, e ali quase todos são as mesmas pessoas, ali tem muita gente antiga, e aí já vão sabendo. Às vezes, muitos dançam por amizade mesmo, porque quem tem amigos não sofre, né. Eu tenho amigos que me tiram pra dançar sem interesse, só por amizade mesmo, mas tem uns que não me tiram, porque toda vez tem uns até que insistem, me chamam pra dançar e tentam, só que é para essa afinidade, quer dizer, essa afinidade, não, essa intenção. Dizem: poxa, você nunca me dá uma chance, mas qual é a chance de ir pra cama com uma pessoa que eu não tenho uma atração, uma pessoa que não me tocou, que não tocou o meu coração.

Por ser uma das frequentadoras mais antigas e que vai ao espaço com frequência, ela se tornou conhecida e também entende os códigos da paquera estabelecidos no lugar, sendo que um desses consiste em chamar para dançar as mulheres que podem estar abertas a investidas. Em seu discurso, destaca: “Eu sou uma pessoa que me apego rápido, eu evito, porque hoje eu não vejo ninguém querer nada sério, e com essa moda que as meninas inventaram de só ficar, os homens adoraram isso, ficar sem compromisso, né?”.

Ao sinalizar a ausência de compromisso como um ponto para o não estabelecimento de uma relação, Violeta se coloca contra essa ideia “do ficar” quando percebe como algo recorrente no comportamento dos homens; para ela, mesmo havendo essa abertura para ficar sem compromisso, cabe à mulher dar esse limite e diz: “ Eu acho que a mulher tem que se impor e se valorizar e fazer por onde ser respeitada”. Esse modelo de relacionamento sem compromisso, não a agrada.

No decorrer da entrevista, ela faz a distinção entre sexo e amor dizendo:

Eu posso ir pra cama com uma pessoa que eu acabei de conhecer, pra mim isso é sexo, [...] no meu caso, eu gosto de ser conquistada e ser respeitada, eu gosto que a pessoa me conquiste aos poucos, eu me sinto ofendida se a pessoa me chama pra ir para o motel de primeira. [...] eu costumo dizer que eu não faço sexo, eu faço amor, eu gosto de fazer amor, porque eu sou movida a carinho e se não houver carinho, pra mim é como ter, assim, muita gente me manda fotos nudez, isso aí pra mim não é nada, não me atinge em nada, o que me atinge é o toque, é o cheiro, então é a evolução do momento a depender disso, né, não é uma coisa, assim, ser uma máquina. Fazer sexo só por fazer, por prazer carnal, eu acho que a gente tem que ser uma coisa assim, ser e fazer amor pra gente se sentir realizada; aí tem gente que confunde praticar sexo com fazer amor.

A partir da distinção feita por Violeta de sexo e amor percebe-se a ideia de que a relação sexual amorosa pressupõe entrega e vai além do coito; como pontos de valorização dessa união destacam-se a conquista, o abraço, o beijo, as carícias, todos os elementos que conduzem ao prazer e à satisfação com a prática sexual. Essa ideia é forte em seu discurso e está estritamente vinculada ao modelo de relação que ela deseja alcançar. Percebe-se que Violeta liga diversos aspectos ao se referir às relações; articula a ideia de amor romântico, a confiança e intimidade como fortes aliados na obtenção de uma relação sexual que culmine no sentir-se realizada; por outro lado, também fala das barreiras que percebe em relação às práticas sexuais. Ela afirma:

Primeiro, eu não tenho uma plena liberdade no ato sexual, eu não acho que uma mulher, tudo bem eu concordo o casal tudo entre quatro paredes é válido, mas eu não sou obrigada a aceitar esse tudo. Eu respeito; quem quiser fazer faça, mas tem coisas que eu... Primeiro, tem coisas que você tem que confiar, se você não confia em seu parceiro, eu não acho que você tem que fazer por fazer, enquanto que

a maioria hoje faz por prazer, independente de ser parceiro ou não ou só um ficante [risos].

Percebe-se que Violeta não se submete a manter uma relação sexual pautada na vontade do outro, se essa também não for a sua vontade. É interessante que, ao falar “não sou obrigada aceitar tudo”, parece que está relacionada a práticas que podem não ser exploradas por ela. Daí, pode-se perceber que a forma como ela conduz a relação sexual continua presa; se no passado foi a ideia de casamento para sempre, no presente a ideia de que o outro precisa passar segurança e essa segurança é encontrada por ela por meio de um compromisso, que nesse caso é o namoro.

Outra questão que se destaca no discurso de Violeta é a forma como ela conduz a relação. Sobre isso ela diz: “[...] fiz alguns testes pra ver a intenção dele, por alguma disposição dele, dizendo pra ele trazer um remédio, uma água de coco, e ele nunca foi solidário, nunca veio aqui, quer dizer, a não ser esse vinho, nunca trouxe nada pra mim”.

Percebe-se por meio da fala de Violeta que a comunicação entre parceiros amorosos está marcada pelos símbolos de consumo; assim, para ela, amar alguém requer investimento. Ainda sobre esse código amoroso presente nessa relação, ela diz:

Tá aí, em dezembro do ano retrasado eu comprei uma pulseira de ouro pra ele e não cheguei a entregar, foi quando eu descobri que ele estava com outra pessoa. Depois, a gente voltou e pensei “quem sabe, no aniversário dele eu poderia dar”. Ele dizia que ia apresentar os filhos, e achei que ele ia me apresentar, aí comprei uma pra ele e uma pro filho; a do filho foi semijoia. Mas tá aí, nunca tive a alegria, a oportunidade de dizer “tome seu presente”, porque ele nunca foi meu namorado, só era namorado na hora que ele queria, aí eu era namorada, eu era mulher, eu era tudo. Pra que viver de mentira? Dei perfume, fiz uma camiseta linda de crochê pra ele, mas a única coisa, até uma caixa de bombom que ele me prometeu, nunca me deu. Não

estava comigo por interesse, porque também eu já fiz testes com ele, as coisas que eu dei pra ele e ele nunca fez questão de vim pra buscar, tudo que eu dei ele levou fora de época, fora de data comemorativa; a camiseta foi no dia do aniversário, o perfume, no dia dos namorados, nunca teve pressa de pegar. Eu até fiz a colocação e disse pra ele que eu tinha comprado um presente, mas como eu não tinha namorado, era um presente, não era uma lembrança.

Essa comunicação amorosa se dá com objetos que são símbolos de consumo, e assim há nela o entendimento de que o outro não a ama por nunca a ter presenteado, mesmo que Violeta afirme que esse outro não valoriza presente. O que permite entender que ele se recusa a fazer esse jogo romântico baseado em objetos que para Violeta é importante.

É impressionante como o discurso da entrevistada é marcado por uma ampliação dos sentidos atribuídos a diversos termos; ela dá um sentido à experiência de vida, assim também acontece com o tema solidão, que aparece de maneira distinta, conforme fragmentos abaixo:

Eu me dei o direito [de morar sozinha] porque eu trabalhei para isso, eu não tenho uma vida a dois, mas de trabalho eu tenho e me dei o direito depois de viver um pouco.

Eu sou mãe, me preocupo com os filhos, mas eles não vêm me ver, amor, carinho, você tem que demonstrar, não basta dizer [...] Tenho muito motivos pra ter uma vida de preferir viver só.

Por um lado, assume a afirmação de uma positividade da solidão na medida em que associa à possibilidade de ter condições de viver sozinha, ter uma casa que não precise dividir com os filhos; por outro, aparece com a falta de uma relação amorosa com os filhos, que não se fazem presentes. Nesse sentido, assume a condição de isolamento dessa relação afetiva que dá espaço para que questione o sentido de amor para eles. É interessante essa positividade, uma vez que a solidão é normalmente associada a algo devastador para a pessoa idosa. Nesse

sentindo, há uma singularidade encontrada no discurso de Violeta tanto em relação à solidão quanto à liberdade e autonomia; esses termos são carregados no discurso dela de uma forma bem ampliada, associando um modo singular de vivência da sexualidade.

Sobre essa relação com os filhos ela acrescenta:

Eu evito tanto de ir pra casa dele quanto ir pra casa da minha filha, porque até na minha casa, às vezes, a minha filha não quer me respeitar, imagine na casa dela; aí eu evito, eu não vou pra casa dela por causa disso, mas isso não impede dela [sic] vim aqui, a porta está aberta.

Percebe-se o estabelecimento de uma relação complicada com os filhos e especificamente com a filha; para distanciar-se de conflitos, Violeta evita fazer visitas à casa dela, entretanto, a deixa à vontade para frequentar sua casa sempre que desejar. Não houve um aprofundamento durante a entrevista sobre o sentindo de envelhecer na vida de Violeta, mas esse tema surgiu, sendo compartilhada a seguinte vivência: “No ano passado, eu queria fazer dança afro [...] e disseram que por causa da idade não podia, eu não fiz e fiquei muito triste; e ballet não dá mais pra mim por causa do joelho e a coluna”. Em outro trecho, ela destaca: “Onde é a fonte da juventude [risos], que eu quero entrar?”.

Ao dizer que não pode mais fazer determinados exercícios e que foi impedida de fazer dança, pois a instituição não aceitava pessoas idosas, Violeta apresenta os aspectos comumente problematizados quando se refere ao envelhecimento, tais como: o envelhecimento atravessado pelo olhar do outro, mas também limitações na prática de alguns movimentos que antes poderiam ser realizados normalmente, e o desejo de permanecer jovem ou talvez o medo de envelhecer. Percebe-se que Violeta traz em sua fala vários elementos constitutivos dessa ideia de sexualidade, não reduzindo, assim, ao sexo.

4.4.2 Análise 02: Flora

A primeira noção apresentada por Flora se referiu à vida sexual com foco na obtenção do prazer, contrapondo a ideia estereotipada que associa a não existência do prazer com o passar dos anos.

Flora pontua:

Sobre a sexualidade! A mulher na minha idade. A pessoa sente prazer, né! Não é só porque a pessoa é jovem, tem gente que diz que acaba com o tempo, não! A minha, estou com 75 anos, mas eu sinto [...] quer dizer, eu não estou tanto, porque meu namorado – eu estou separada do meu marido –, ele também não é essas coisas, ele tem diabetes, mas eu sinto a mesma coisa.

Assim, Flora destaca que o prazer não se restringe à juventude e que a idade não pode ser entendida como fator de ruptura das expressões sexuais; em sua fala apresenta, de certa forma um dos fatores que influenciam na continuidade da vida sexual, o estado de saúde de seu parceiro. Sobre como as complicações de saúde do seu parceiro interferem no ritmo sexual, ela destaca: “A gente não sai toda hora, só sai uma vez na semana, tem semana que a gente não sai e quando sai é melhor, né, é mais apimentado [risos]; mas é bom, eu gosto dele, ele não está esses homens todo não viu [risos], mas resolve o problema [risos]”. Se por um lado, ela avalia o desempenho sexual do namorado, por outro, ela fala sobre a opinião dele: “minha filha, minha sexualidade está boa, tenho 75 anos, meu namorado diz que eu estou boa ainda [risos], que eu vou ficar velhinha, mas sempre mulher. Eu digo: então, está certo [risos], então, está bom”.

Flora conta a sua história de vida e a partir daí vai trazendo a sexualidade, que para ela está associada ao desejo, ao prazer, mas também está fortemente marcada pela época e pela sociedade na qual está inserida; nesse sentido, Flora destaca: “Eu novinha comecei minha

vida, me casei com 17 anos, aliás, com 16 anos e com 17 eu tive a minha primeira filha; resultado: quando eu fui ter meu filho que tem uns, vai fazer 50 anos, ele arranhou uma mulher [...]”. Ao longo da entrevista, Flora relata a história de vida marcada por uma série de acontecimentos difíceis: “Acabei minha juventude todinha só criando filho e marido safado, aí depois de tudo começou a vida. Resultado: ele arranhou essa mulher que dizia que era a minha amiga e tiveram dois filhos; e minha vida descontrolou tudo”. Percebe-se que a infidelidade provocou uma série de mudanças na vida de Flora, a decepção também estava no fato de que a mulher com quem ele mantinha relação extraconjugal era a amiga.

Flora:

Eu tinha aquela amizade com ela, era uma amiga especial, como diz a história, a amiga preferida; eu era sempre com ela, eu era mais nova um ano e a gente sempre andava junta e eu contava as minhas coisas a ela, minha vida. E quando eu fui ter o meu filho, fui pra maternidade ela ficou lá em casa [...] Quando cheguei em casa minha sobrinha me disse : meu pai estava de conversa lá dentro, e eu disse : como assim? Mas eu pensava que era, assim, conversa de fofoca de garota. Ela me contou que ele estava dormindo no sofá e ela [a amiga] foi lá e tirou os óculos dele e colocou na mesinha, e eu fiquei assim meio já, porque eu era novinha, mas eu era desconfiada.

A infidelidade presente no discurso de Flora foi repetida durante entrevista, ela comenta como reagiu em diversos momentos sobre as tentativas de flagrar. Ela diz:

Eu era meio doidinha, eu com vinte e poucos anos, eu era meio, não tinha medo de nada, meio maluca. Aí cheguei bati na porta [fábrica] e ele disse assim: Oxente, você por aqui? e eu disse: Eu vim buscar uma caixinha de madeira, mas era mentira, uma desculpa; e quando olhei para debaixo da mesa estava a sandália dela, e eu disse assim: Oxente, porque essa chinela de fulana aqui?, e ele disse: Não, porque todo mundo tem o chinelo e deixa aqui pra descansar o pé pra vim trabalhar; aí eu disse: E cadê as chinelas das outras que só têm essas

duas?, e ele disse: Não sei o quê e eu saí como uma louca, assim, procurando ela dentro da fábrica.

Essa tentativa de comprovar o relacionamento não obteve êxito, mas a partir daí ocorre o rompimento da amizade. Antes, Flora destaca que chamou a amiga para conversar sobre o envolvimento dela com seu marido, de modo que ela negou a existência desse relacionamento. Sobre o momento em que confirmou a infidelidade, Flora destaca:

Fiquei, assim, atrás do poste, que era grande, pra eles não me verem, passei na casa de uma colega e a empregada estava lá, ela disse: Oia [sic], é agora, sabe aquela torcida que todo mundo me vendo e eu calada, quieta azeda. Quando eu cheguei lá nem olhei pra cara dele: Agora diga que é mentira, que você não está com ela, aí ela quis dá um de machão e disse: O que é que tem? aí, eu disse: O que é que tem?. Eu virei assim pra ela, enchi a mão e meti um murro na cara dela que ela caiu, [risos]; peguei, dei uns dois murros, e ele pegou e segurou o meu braço pra eu não bater mais nela. Ela se mandou pra eu não bater mais nela e ele me segurando e eu dizendo: Me solte!, e ele me segurando.

Por meio do discurso de Flora, percebe-se que a infidelidade passa por questões relacionadas não somente à decepção, quebra de confiança, rompimento de amizade, mas revela também a cultura machista, em que a posição de homem estabelecida socialmente na época a que Flora se refere leva a entender que o homem possui poder sobre a mulher e cabe a ela o servir, tendo ele possibilidades de manter uma relação extraconjugal como próprio da natureza de ser homem.

Ele não somente deixa de investir no relacionamento conjugal no relativo ao afeto, como também retira o dinheiro que para ela deveria ser empregado na família e utiliza para manter o outro relacionamento. Sobre essa situação, Flora destaca: “minha vida descontrolou tudo, depois ele não me tratava bem e tudo mais quando foi, tem uns 20 anos; ele arranjou

uma com 17 anos, achou que era jovem, né, gastou, vendeu tudo que tinha e acabou a vida de tudo, financeiramente e moralmente; tá aí ele com ela só pra comer o dinheiro dele”.

Flora destaca que após a descoberta da relação extraconjugal de João, um dos motivos que permitiu a continuidade do casamento foi o medo de perder os filhos, pois “[...] antigamente, porque meus filhos eram pequeninhos, eu não tinha como sair, porque naquela época, se a mulher saísse perdia os filhos e eu não queria perder meus filhos. [...] Quer dizer, se a gente separasse do marido não é como hoje que você separa e o marido dá a pensão para os filhos; antigamente, a gente não recebia, quisesse tomar os filhos, não dava nada e tomava”.

Ficam evidentes na fala de Flora exemplos de como o machismo era concebido na sociedade em que ela estava inserida, percebe-se que o lugar da mulher na sociedade local era de silenciamento, da ausência de direitos que garantissem a permanência dos filhos após o processo de separação e a concessão de pensão que contribuísse para o sustento do filho. O que imperava eram a desvalorização do papel da mulher e o poder patriarcal acima de tudo, fazendo com que inúmeras mulheres, a exemplo de Flora, continuassem em um casamento para não perder seus filhos.

Apesar de todas as situações adversas, nessa relação conjugal Flora se percebia como a fortaleza, a mulher que promoveu benefícios ao marido pela imagem que tinha na sociedade em que estava inserida; uma mulher que contribuía com a vida pública do esposo, que exerceu cargo político.

Sobre essa influência, ela ressalta:

Eu era com ele a vida inteira, quer dizer, o povo via aquilo, pra tudo era comigo, ajudando ele, conversando com o povo, porque você tem que ter jeito pra conversar com o povo, e eu era a pessoa ideal pra ele; eu chegava, ajudava nas coisas, as pessoas vinham conversar comigo e tudo e todo mundo tinha a mim como uma pessoa que era a certa pra

ele, pra negócio de política, pra ajudar ele. Quando é de repente ele arranhou uma coisa daquela, aí, minha filha, acabou. Ele não teve voto, nem pra vereador ele se elegia mais.

A dedicação ao trabalho do marido e à criação dos filhos era o foco da vida; assim, Flora comenta: “Menina, eu me descuidava até de mim, sabe? Não tinha tempo nem pra mim, porque, você imagine, criar filhos, nove filhos, você imagine; e ainda dá conta das políticas dele”. Assim, ao longo da vida, Flora se colocou como a mãe, a dona de casa, a esposa que batalha para ajudar politicamente o marido, a mulher que esquece de si para manter a harmonia da família e promover o crescimento da família. Por conseguinte, diz: “Eu ajudei como mulher, o que pude fazer eu fiz, aí depois ele foi gastar o dinheiro com as outras [risos]”.

Nessa relação conjugal, o dinheiro aparece como elemento representativo; por um lado, designa poder, afinal, o dinheiro da família estava na mão do esposo e a decisão de como aplicar esse dinheiro era dele. O dinheiro também se destaca como atributo para manter as relações extraconjugais. E, assim, a ausência desse dinheiro promovia a dependência e a aceitação dessa condição de esperar pelo outro.

Era desse jeito, toda vida foi assim comigo, muquirano, nunca ele... Não sei por que estou dizendo isso [...] a vida toda dependendo dele e era assim, dinheiro na minha mão ele nunca me deu, e eu a vida inteira ajudei e até minha sogra dizia: Por que você não pega uma mesada e dá à sua mulher? Toda mulher quer.

A dependência financeira esteve presente ao longo da vida de Flora. Ela afirma que só obteve independência financeira com a aposentadoria; assim, o marido buscava também um controle sobre ela, mas Flora não se via na obrigação de silenciar por depender, e fala:

Uma vez, eu tava azeda aqui e disse: me dê dinheiro, e ele disse: pra quer você quer dinheiro?. E eu disse: Oh rapaz, é pra eu pagar, pagar um moleque ali pra me comer [risos]. Aí ele [risos] disse: coisa bonita.

Eu não tenho dinheiro, peço dinheiro, pra que eu quero? E aí eu dei essa resposta a ele e dei bem dada, ele mais nunca perguntou [risos].

Flora fala sobre a forma que ela utilizou para adquirir o dinheiro que não era concedido pelo marido:

Ele escondia o dinheiro pra eu não ver e eu tirava, e eu tirava mesmo, era só eu pegar fácil onde ele escondeu. Uma vez, ele tirou 600 reais, e eu o vi esconder; e ele aí procurou depois ele tava cheia tomando todas e não se lembrou onde botou e eu sabia e ele disse: Vê se você acha aí. Eu disse: Eu não vou procurar nada não, eu não mandei. Ele guardou o dinheiro, eu fui lá, peguei o dinheiro e por desaforo disse: Não vou dar, porque ele escondeu de mim, não vou dar, se ele tivesse me dado eu não pegava. Eu peguei todinho, peguei, guardei e não dei não; esse foi meu, pra ele aprender, e outras vezes também. Uma vez ele botou dentro do sapato [risos].

Assim, a relação que eles estabeleciam com o dinheiro estava marcada, por um lado, pela presença do marido enquanto responsável por manter o sustento do lar, por outro, existia um fuga desse controle. Flora burlava a regra estabelecida e fazia manobras para obter o dinheiro que não era dado voluntariamente, pegando às escondidas e, ainda, encontrando num discurso de autoridade uma maneira de não se sentir culpada. “O padre disse que não é pecado a gente pegar [risos]. O padre, uma vez, no sermão, disse. Tá vendo aí, o padre disse que não é pecado a mulher roubar do marido, porque rouba e fica dentro de casa. Homem, não, é safado, gasta na rua”.

Se no passado a vida era focada na criação dos filhos – esse também foi tido como motivo para a continuidade do casamento –, hoje, após o crescimento deles, João retorna a conviver com Flora. Sobre esse retorno, ela afirma: “Tem um ano, mais ou menos, ele voltou pra cá de vez; ele está sem enxergar direito, está com 80 anos, perdeu um olho e o outro também no mesmo lugar, porque ele tem glaucoma. Aí tá aí, às vezes a gente discute e vai

levando a vida. Então, ele tem a vida dele e eu tenho a minha, né”. Sobre a maneira de lidar com essa realidade, ela afirma: “ a pessoa apronta, e aquele amor que você tinha vai virar em raiva, em ódio; e hoje, apesar de eu não ter nem ódio dessa criatura, eu tenho, assim sabe, eu tenho mágoa, muita mágoa, entendeu? Dizem que a mágoa é pior do que o ódio, não sei”.

No decorrer da entrevista, ela também traz uma série de experiências positivas do atual modo de viver.

Eu saio à noite pra me divertir, para dançar, pra beber, essas coisas assim, entendeu? Não é pra chegar e pegar qualquer um, porque a gente está se sentindo atraída por alguma pessoa que a gente sente vontade de ter prazer e não tem, por isso a gente vai querer pegar quem quer que seja, porque muitas fazem isso, mas eu não faço. É uma pessoa que está comigo há 17 anos e a gente sempre sai assim, conversa, namora [risos] e tudo bem certo [risos]. É isso.

Ao falar sobre o companheiro que mantém às escondidas, ela pontua aspectos da rotina do casal e a forma como lida com esse relacionamento:

Às vezes, a gente sai para almoçar, pra jantar, mas bem por longe, não por aqui, porque, primeiro, ele vive em casa com a mulher, ele disse que não vive, que são separados de corpos, né. Como eu vivo com o meu desse jeito, não sei se eu acredito que ele também vive assim [...] às vezes, eu dou um gelo. Eu passo o dia todinho e não atendo telefone, assim, pra não está enjoando da pessoa [...] dizem que o escondido é melhor do que na vista, não é? [risos].

A decisão de silenciar sobre o relacionamento, por um lado, passa pela possibilidade de julgamento dos filhos sobre o tipo de relacionamento que escolheu viver: “A gente não sai assim na rua, porque eu não quero que meus filhos vejam, meus filhos também não sabem, porque diriam: “É, mais ele é um homem casado”. E ele me diz que não é casado. Saímos nos escondidos pros lugares, motel, pra o bar, mas escondidinho, ninguém sabe; minha filha desconfia, mas não tem certeza”. Por outro lado, o sigilo sobre o relacionamento se dá porque

seu atual parceiro é amigo do seu ex-marido. Flora afirma: “O daqui não sabe, né, do outro [risos]. Eles são amigos, mas não sabe [risos], não sabe não! É escondido” [risos]. Foi possível perceber também que apesar de falar sobre o fim do casamento, Flora não o nomeia como ex-marido, a exemplo dessa fala. Outro ponto interessante diz da escolha por um amigo, afinal, se no passado foi com uma amiga que João manteve um envolvimento extraconjugal, no presente, Flora mantém às escondidas um relacionamento com um amigo de João.

Apesar de a referência ao envelhecimento trazida por Flora estar centrada na perspectiva de aproveitar o tempo livre, realizar novos projetos, dando novos sentidos à vida, ela também traz os aspectos relativos ao adoecimento corpóreo.

Olha, se não fossem as minhas pernas, que eu estou com problema no joelho, problema no pé, a minha vida era maravilhosa; assim, eu me sentia melhor ainda, porque eu tenho diabetes, mas minha diabetes é fraca, eu tenho pressão alta, mas tomo remédio e gosto de viver a vida [risos] certo, gosto de viver a vida.

Ao longo tempo, Flora foi aprendendo a lidar com essas mudanças advindas do envelhecimento. Ela destaca:

E é assim a vida da gente, depois de velha tem que distrair, porque senão a gente morre só dentro de casa. E eu gostou muito de ouvir música, gosto muito de sair e também gosto muito de ficar em casa, mas tem um tempo que a gente gosta de ficar em casa e a vida é assim.

No discurso de Flora, o termo *velha* é utilizado como uma possibilidade de poder voltar para si, e assim destaca: “A vida é assim: depois da gente velha, tem que aproveitar um pouquinho. Eu gosto muito de aproveitar a vida, meus filhos não se metem na minha vida”. Se no passado o foco da vida de Flora era apoiar os projetos do marido e a criação dos filhos, no presente, consiste em aproveitar a independência. Ela também deixa claro que dá limite aos filhos, não os deixando interferir na sua vida sem seu consentimento.

Ir ao *Beer House* é mais uma das formas de aproveitar essa etapa da vida, sobre esse espaço ela destaca:

Por aqui em Aracaju o Beer House é o local melhor. Eu frequento há muito tempo, desde que eu me separei do meu marido; a irmã dele também, o marido dela morreu, ela ficou viúva. Há uns 15 anos, mais ou menos, a gente frequenta lá, mais de 15 anos. O dono conhece a gente, as pessoas também nos conhecem e a gente não faz besteira, porque todo mundo conhece a gente. Agora é desse jeito, a gente fica numa boa. Às vezes a gente dança, às vezes não dança; quando aparece alguém pra dançar e chama a gente, a gente vai, mas eu gosto do ambiente, pra mim, desse todo que a gente frequenta, o melhorzinho é lá.

O espaço se distingue dos outros lugares de acordo com Flora:

Sabe o que é, lá no Beer House a gente tem umas pessoas mais civilizadas, entendeu? [...] E aí, sei lá, os músicos são muito bons e eu gosto das bandas, sempre quando vai uma banda boa eu gosto de ir, só não quando vai aqueles bregas e arrocha, eu não gosto muito [...] Eu gosto muito do ambiente de lá, os garçons são muito educados; eu gosto de lá, sempre eu vou com minha cunhada [...] final de ano, se a gente não viaja, a gente vai pra lá no Réveillon.

Esse espaço seja escolhido para entretenimento, é percebido como um ambiente elitizado, e por ser conhecida, Flora mantém uma postura de discrição. Há em Flora também o reconhecimento desse espaço como um lugar importante; assim, o *Beer House* exerce mais que a função de um local de entretenimento, trata-se de um espaço no qual as mulheres se expressam e manifestam sua sexualidade.

Foi possível perceber também que a participação na entrevista ocupou um lugar na vida de Flora. Ela destaca: “Oxente, foi um prazer, porque nunca vem ninguém assim conversar comigo e você veio hoje, é eu gostei, falei do passado, desse passado que vive na minha cabeça. As meninas já dizem: Minha mãe, é que a senhora começa falar e não para, eu

digo: Não, eu paro”. Pela fala de Flora, ficou evidente que esse espaço para falar livremente sobre a sexualidade também promoveu o sentimento de ser vista, ter a atenção voltada pra si, ser percebida para além da mulher que não para de falar sobre o passado.

4.4.3 Análise 03: Brigitte

Ao falar sobre sexualidade, Brigitte coloca em destaque a educação a que eram submetidas as mulheres:

Você imagine uma mulher transar casada, se casar, engravidar, ter mais de não sei quantos filhos e dizer que nunca teve um gozo. Que sexo era esse? Que satisfação tinha para ir pra cama com esse homem? Mas tinha, porque a mulher nasceu pra procriar, era o que eu ouvia muito e já não fazia a minha cabeça. Naquela época, na época das nossas mães, a gente não poderia falar sobre sexo.

Em seu discurso, Brigitte indaga a forma como era conduzida a vida sexual da mulher e a função de procriar se destacava, deixando de lado a satisfação, e assim as mulheres eram criadas para que no futuro se casassem e tivessem filhos. Existia também uma explicação sobre o nascimento do bebê de maneira assexuada, sendo também outra forma de manter o silêncio sobre a vida sexual do adulto, ou a forma encontrada pelas mulheres para filtrar o que a criança pode saber. Sobre a teoria do nascimento do bebê, Brigitte destaca:

Eu ficava assim, eu mesma pensando na idade de seis ou sete anos, as outras minhas irmãs podiam acreditar que era a cegonha, mas eu ficava pensando, cegonha? Minha mãe dá a dor de parir, vai chamar a parteira, meu pai vai pro quarto ajudar a parteira, depois vem aquele lençol cheio de sangue. Aonde foi essa história que eu não engoli, e assim quando eu vi [fui] entender, eu já sabia que a mulher paria, que o homem pegava a mulher pra ela engravidar, mas isso foi uma coisa que eu descobri sozinha, nunca tive minha mãe, assim, pra sentar e conversar.

Percebe-se que assuntos relacionados à vida sexual não eram discutidos entre mãe e filha, e foi a esse tipo de educação que Brigitte foi submetida, não havendo abertura para falar

sobre as curiosidades; assim, as mulheres casavam faltando não apenas a experiência sexual, como também informações sobre o que acontecia na noite de núpcias. A esse respeito, Brigitte comenta:

Minha irmã casou e não tirava a roupa na frente do marido, do meu cunhado, com a luz acesa, ela não transava com a luz acesa. Essa mesma amiga que fui ao Beer House, ela não transa com a luz acesa; até hoje, se for pra cama com homem, ela diz que não consegue transar de luz acesa, porque tem vergonha, imagine você, então naquela época era assim, não sabia. Eu não! [Quando] Eu me casei já sabia de tudo de có e salteado o que eu tinha que fazer com meu marido, pois eu era o cão chupando manga.

A partir da fala de Brigitte é possível entender que a educação feminina era baseada na ausência de diálogo sobre todas as questões de cunho sexual; esse tipo de educação deixou marcas na vida dessas mulheres, de modo que são expressas por meio da vergonha, das dificuldades em romper com esses tabus aos quais foram submetidas pelo processo de silenciamento. Nesse sentido, Brigitte rompe com essa estrutura e se posiciona por ter conhecimento sobre os assuntos que em casa eram silenciados. Sobre isso ela destaca: “Eu sou mais aberta, mais liberal, não é que tive uma criação assim, mas acho que tudo vai da pessoa, da maneira de ser da pessoa. A mesma criação que a minha mãe deu as minhas irmãs, deu a mim, mas ela [a mãe] dizia: “não sei por que você é diferente das outras, mais acesa”. E destaca que na criação dos filhos rompe com esse silenciamento que até então era habitual na família “Eu converso com minhas filhas como duas amigas, eu não converso como mãe e filha, eu converso como amiga entendeu?”.

Além da educação da mulher, Brigitte, ao falar em sexualidade, remeteu também à concepção de homem para ela:

O homem, desde o início do mundo é egoísta, ele só pensa nele, entendeu? Não vou dizer que são todos, existem exceções de um homem ir pra cama com a mulher e ele se preocupar com o que a mulher gosta, como é que ela quer ser tratada na cama; é raríssimo você sair com um homem e você dizer: que homem maravilhoso!. Não vou dizer que não existe, mas é raro, muito raro e principalmente na época de hoje está sendo difícil e muito difícil.

A posição que o homem exerce no relacionamento, segundo Brigitte, é o de um ser egoísta, entendido assim como a busca da satisfação sexual sem preocupação com a satisfação da parceira. Para ela, o homem em raríssimos casos está atendo à forma como a parceira gostaria de ser tratada na cama. Brigitte também critica a maneira como hoje o relacionamento é estabelecido:

As pessoas acham que o sexo ficou uma coisa assim banal, ficou uma coisa sem graça. Não existe mais romantismo, na minha época de namoro, gente! Existiam coisas preliminares que eram mais gostosas do que o sexo, primeiro que na minha época não existe a liberdade que existe hoje, hoje está tudo liberal, antigamente não existia. Pra gente namorar tinha que ter uma regra de pai e mãe e isso daí já era importante. Por que o que era que fazia o namoro ser gostoso? Era a proibição, não é?

Percebe-se que para Brigitte o namoro na atualidade e o namoro em sua época têm formas totalmente diferentes, o romantismo se perdeu e a ligação estabelecida entre sexo e namoro se tornou banalizada. Entende também a proibição como um elemento importante que estimulava o relacionamento e que a liberdade sexual rompe com o entusiasmo do namoro. Sobre a etapa da conquista, ela destaca:

Quando um cara, hoje, dá em cima de você e você tá nem aí, ele vai insistir até ganhar você, mas enquanto ele está insistindo, isso pra você é tudo, seu ego vai lá em cima e você diz: esse cara está se

rastejando; mas isso é porque você não foi uma mulher fácil, ele vai ficar no seu pé. Então, tem homens que não gosta de nada fácil, ele tenta conquistar você e você dá uma de difícil, aí ele tenta conquistar você; tenha certeza que ele estiver realmente querendo ficar com você, ele vai ficar tentando. Na nossa época de namoro era assim, era gostoso.

Na concepção de Brigitte, o homem valoriza a mulher que precisa ser conquistada, nomeada por ela como “mulher difícil”; ao ser essa mulher, é possível experimentar com entusiasmo o esforço pela conquista e, assim, se sentir desejada, o que promove certa ideia de que é preciso se esforçar para obter êxito. Todo esse movimento contribui para o aumento da estima por si mesma. Há nessa fala também certa convicção de que é preciso ter o homem “aos pés”, uma espécie de domínio sobre o relacionamento. Comparando a forma como é estabelecido o namoro, Brigitte acrescenta: “Antigamente, a gente namorava. Até mesmo pra pegar no corpo da gente, que era uma sensibilidade de deixar a pessoa louca, mas hoje não existe mais isso, acho que até sensibilidade não existe mais pelo fato de sei lá, ser uma coisa assim, eu não vejo isso”. Brigitte faz, assim, uma crítica ao modelo de relacionamento que é estabelecido atualmente e valoriza a forma como era estabelecido o namoro antigamente.

Sobre a posição que a mulher deve ter no relacionamento, destaca:

Eu acho que a mulher tem que se valorizar mais, não é só ter um homem. Naquele dia ali que você me conheceu, eu estava com uma colega, ela tinha separado e não tem um novo relacionamento. Não sei se não quer ou porque não achou, porque hoje está muito difícil, assim, pra mulher se relacionar com alguém, porque às vezes eu vejo dizer [que] homem está escasso.

Nota-se que, para Brigitte, valorização da mulher está articulada a saber lidar com a presença ou ausência de um companheiro; para ela, hoje é difícil firmar novo relacionamento.

De acordo com a entrevistada, se a busca por um parceiro estiver voltada estritamente para a satisfação sexual, a mulher pode buscar alternativas. Assim traz a conversa estabelecida com uma amiga: “Hoje em dia, se for pra pegar qualquer homem que tem por aí, eu prefiro comprar um vibrador pra mim, ela disse: Por quê? Eu disse: Não vale a pena ir pra cama com um homem numa noite só pra transar, aí eu compro um vibrador pra mim”. Nesse sentido, ela faz um paralelo entre coito e satisfação sexual, e concebe que é possível satisfazer-se sexualmente sem parceiro, a satisfação pode ser pensada e atingida com o auxílio do vibrador.

Outra questão em destaque no discurso de Brigitte sobre as mudanças na prática sexual com o passar do tempo: “Naquela época era a coisa mais gostosa do mundo o sexo, porque você se satisfazia no sexo sem precisar ser penetrada, existia muitas outras coisas que você poderia fazer”. Brigitte também fala sobre a não aceitação do sexo com camisinha: “[...] pra você ter uma ideia, eu tenho essa relação tem 36 anos e nunca tive uma relação com camisinha, porque eu sei o homem que eu tenho e ele sabe a mulher que tem. Eu nunca aceitei ter uma relação com camisinha”. Nota-se que para ela é inadmissível usar camisinha.

Brigitte atribui em seu discurso um sentido diferenciado ao termo “prostituta”. Ela afirma:

Toda mulher tem uma prostituta embutida nela. Às vezes, ela quem não sabe colocar essa prostituta pra fora. Existe aquela mulher que gosta de se maquiar toda, existe aquela mulher que gosta de colocar aquelas roupas, ligas, aquelas meias; essa mulher é uma prostituta, só não é uma prostituta que fica se vendendo na rua, mas é prostituta. Ela é prostituta do marido dela, do noivo dela, do namorado dela. Todas nós temos uma prostituta, eu tenho uma e acho linda, maravilhosa. Ser prostituta não é aquela mulher que está com um homem e com outro não, ela vai pra cama com o marido dela e faz o que vier na cabeça dela. Em toda mulher existe uma prostituta dentro dela, cabe ela colocar a prostituta pra fora com a pessoa certa.

Para Brigitte, o termo *prostituta* está pautado no fazer o que se tem vontade, trata-se de uma expressão da sexualidade, seja na forma de se vestir, se arrumar ou nas atitudes de intimidade com o parceiro sexual. Ela também destaca que uma forma encontrada para lidar com os tabus foi o acesso a veículos de pornografia, revistas, filmes: “Eu adoro filme pornô, a gente assistia muito. O filme pornô tira muito tabu de uma mulher; no meu caso, ajudou muito, porque tem muitas coisas que a mulher diz: eu não vou fazer, e eu digo: em quatro paredes com o seu marido não vai fazer por quê?”.

Brigitte também fala sobre o relacionamento com seu primeiro marido, embora estivesse baseado no amor, não foi o que se estabeleceu ao longo do casamento:

Me casei por amor – era uma pessoa que eu gostava pra caramba. Em namoro mostrava ser uma pessoa, depois que a gente casou se transformou, porque ele bebia, não era por causa de mulher; me separei dele pela bebida. Quando casei tinha 20 anos, estava na flor da idade com toda sensibilidade que a mulher pode ter no corpo. No início, o casamento foi excelente, vamos botar um mês, por causa da bebida dele, eu vi que já não era aquela pessoa que ele mostrava ser, vivi seis anos e tive três filhos maravilhosos. O negócio foi esfriando, esfriando, e você sabe quando você não tem certo carinho do marido, certa atenção.

Percebe-se que a mudança de comportamento foi provocando insatisfação, e as alterações na forma de viver em decorrência do uso de álcool pelo marido se tornaram problemas na vida conjugal; as mudanças de comportamento movidas pelo uso da bebida foi interpretada por ela como tornar-se outra pessoa. Em sua concepção, os filhos foram a melhor parte desse casamento. O termo “esfriando” remete ao declínio da vida do casal. Acerca da vida sexual, Brigitte destaca: “Eu acho assim: a vida do casal não é sexo, o sexo é uma complementação, mas não venha o homem querer ter a mulher somente pra sexo não, tem

outras coisas além do sexo, né, o carinho, a atenção, tudo isso; então, era o que não existia mais entre a gente”.

Instaurada a insatisfação com o modelo do seu casamento, Brigitte destaca: “Eu tinha um relacionamento que existe muito hoje, você vive, mas maritalmente não vive; não adianta dizer que tem um homem, mas no sexo você não tem, você tem uma figura dentro de casa, pra lavar, passar e cozinhar, pratica até sexo, mas aquela coisa assim pra satisfazer o homem e não pra te satisfazer”. Há na fala de Brigitte a crítica “*aos ditos deveres conjugal*” e de maneira particular o sentido atribuído ao casamento se articula à noção da existência do sexo como complemento. Evidenciando que o ser mulher vai além do papel de esposa, de carrega uma responsabilidade doméstica, destaca antes de tudo a mulher que deseja que reconhece a importância de se sentir satisfeita sexualmente, não se limitar a agradar o homem.

Ainda sobre essa convivência, destaca:

Eu era uma mulher carente de atenção, de ter uma pessoa pra conversar; primeiro, porque saímos pela manhã e chegava à noite e quando voltávamos pra casa, ele ficava na porta de um bar. E o que eu fazia? Eu ficava louca pra ter sexo. Você sabe o que é uma pessoa dormir com vontade de ter sexo? Eu era essa pessoa! Com meu marido na porta da venda, chegava em casa umas três horas da manhã e aprontando, até querendo encostar a mão em mim, só não encostava porque eu sempre joguei duro e tinha sempre uma pessoa dentro de casa comigo.

Com efeito, não havia mais possibilidade de manter esse relacionamento. Sobre o rompimento, ela comenta:

O meu casamento já estava indo pra o espaço, eu estava convivendo por quê? Porque às vezes a gente faz isso pela minha família, pelos meus filhos, pois querendo ou não eles estavam pequenos; ele já tinha um entendimento e eu não queria deixar, porque muitas vezes a gente discutia, se agredida moralmente e eu não queria que meus filhos

crecessem ao lado, aí tomei a decisão de separar. Naquela época, para mulher se separar era muito difícil, principalmente se ela tinha três filhos, porque o que eu ganhava era pouco, o salário, e eu também não queria deixar meus filhos com ele. Eu sabia que se fosse pedir uma pensão seria muito difícil, pois a família dele tinha poder aquisitivo maior que a minha, era pessoa da alta sociedade. Pra lhe dizer melhor, o dono da empresa era tio dele entendeu, então aquilo ali tudo ficou na minha mente.

Brigite encarou a separação numa época em que a sociedade tratava a mulher como um ser que devia sustentar o relacionamento em prol da continuidade da família, e nesse sentido, para a mulher, a separação tinha um peso moral, além disso, não havia garantias de que o marido a ajudaria financeiramente para a criação dos filhos; outro agravante, nesse caso, seria a posição social ocupada pela família de Álvaro, o esposo; apesar dessas condições adversas, Brigitte não hesitou em separar. O entendimento de que as agressões poderiam afetar a vida dos filhos somado à insatisfação com a vida sexual trouxeram para essa mulher os motivos para romper com esse casamento. Outro fator propulsor foi conhecer Fernando: “Conheci essa pessoa [quando] eu tinha 26 ano. Vivía mal em um relacionamento que já não estava bem. Trabalhávamos todos na mesma empresa e nos conhecemos lá; mas quando a gente se conheceu, ele era aquela pessoa carinhosa”.

A aproximação de Fernando, colega de trabalho, provocou em Brigitte um bem-estar, além de fazê-la se sentir valorizada pela forma como ele a tratava. Em contrapartida, o casamento estava desgastado; porém, Brigitte continuava com o desejo de ter alguém que pudesse amar. Sobre isso, ela afirma:

Você não perde aquele desejo de ser amada, você está entendendo? De ser beijada, de ser acariciada. Aí quando você encontra uma pessoa que lhe dá tudo isso de graça, que às vezes você nem demonstra que está precisando, mas aquele homem já entende, já conhece isso em

você. Então, foi isso que me aproximou dele, não foi pelo fato de querer um homem, foi pelo fato de conhecer uma pessoa que simplesmente se preocupasse comigo.

Nota-se pela fala de Brigitte que Fernando a conquistou por proporcionar o que seu casamento já não oferecia: ser percebida pelo outro como uma espécie de cuidado e atenção, prevalecendo nesse momento de conquista o sentir-se desejada e o interesse mútuo. No decorrer da entrevista, Brigitte traz a história do relacionamento. Referindo-se ao início, ressalta: “Às vezes, eu chegava no trabalho e ele dizia: Baixinha, o que você tem?. Ele percebia logo e pegava a conversar comigo, e eu dizia pra mim mesma: Esse é o homem que eu quero comigo [...]. Aí ele chegou pra mim e disse: Aqui só tem uma pessoa que, se eu tiver que ter um caso, teria é [com] você, eu disse: Agora eu vou chutar o pé da barraca e vou cair fora, foi o que eu fiz”.

Aproximar-se de Fernando também foi uma fonte de motivação para romper com um casamento insatisfatório e também representou um resgate do amor-próprio, o que proporcionou uma mudança na vida dessa mulher, que se percebe, além de desejada, motivada a viver novos momentos por querer essa pessoa ao lado. A respeito dos momentos vivenciados, ela destaca: “Quando a gente ia pro motel, a gente ficava ali mesmo, namorava ali mesmo; ficava, comia, dormia, não tinha essa de vamos comer na rua, não ligava pra nada disso. Ali pra mim estava feliz”.

Aproveitar a companhia de Fernando, viver intensamente os momentos de felicidade: foi assim o propósito esperado por Brigitte. Ao referir-se à vida sexual do casal, ela se destaca como uma pessoa que sempre teve iniciativa na cama; assim, afirma: “Eu mandava na cama, ele dizia: Você faz de mim, na cama, saco de batata. E eu dizia: Se eu fosse ficar esperando você, não fazia nada, então, assim quem dá as cartas na cama sou eu”. Sobre esse posicionamento, ela afirma: “O meu companheiro não tinha experiência”.

Com o passar dos anos, as diferenças passam a ser mais percebidas; com efeito, a constatação de que as mudanças ocorridas na vida de Fernando não correspondiam à expectativa de Brigitte, o que provocou, assim, insatisfação. Ela menciona: “Eu gosto de praia e cinema, ele gosta de futebol e sair com os amigos dele. Eu vou com ele; ele saía com os colegas dele pra jogar, aquela coisa toda. Ele saía comigo pra praia e cinema, só que com um tempo depois que ele se aposentou, pronto, acabou, mas eu continuei com essa vontade de sair pra me divertir”.

Além das mudanças no ritmo de vida, Brigitte traz como ponto de insatisfação a instauração de uma rotina. Sobre isso, ela afirma:

Quando ele me conheceu, eu disse: Vamos, meu filho, a gente vai pro motel, como eu gostaria que fosse até hoje. Hoje ele diz: Não, se a gente tem nossa cama, a gente fica por aqui. Porra, é uma cama diferente, é um ar-condicionado diferente, tem uma televisão pra assistir filme pornô, que já não incentiva muito, mas a gente tá vendo aquelas figuras ali, aquelas coisas. É uma cama redonda, às vezes tem uma banheira, aí toma banho juntos, aquele negócio. Ele dizia: Ah, vamos ficar por aqui, o que a gente vai gastar no motel; aí eu dizia: Pelo amor de Deus.

Percebe-se que para Brigitte o relacionamento precisa de inovação, sair da rotina; nesse sentido, ir ao motel funciona como uma forma de diversificar, a mudança de ambiente é reconhecida como uma forma de investir no relacionamento, sair da mesmice e inovar. Sobre as atitudes que contribuiriam para melhoria da vida do casal, ela destaca: “Aquele coisa, assim, você querer que seu companheiro saia com você, viaje com você, então vamos ficar numa pousada, porque você está aproveitando o passeio e está namorando também; você sai, foge da rotina de dentro de casa, entendeu? Eu acho isso interessante”.

Ao falar sobre as possíveis causas das mudanças, Brigitte apresenta três perspectivas: a rotina, a chegada dos filhos, e a morte da esposa de Fernando. Sobre a presença do filho, destaca: “A gente se encontrava em tudo, pra mim estava tudo bem, estava tudo feliz, só que chegou uma época em que aí vêm os filhos; meus filhos chegaram de Salvador pra morar comigo, aí foi aquela confusão, as coisas começaram a mudar entre a gente, e mais outras histórias”.

Essas outras histórias às quais Brigitte se refere a vida conjugal de Fernando, que ainda não havia sido mencionada, mas que entra no discurso ao relatar as causas da insatisfação com o relacionamento. A partir daí, ela afirma:

Quando o conheci, ele tinha família, vivia com a mulher dele, mas vivia como amiga, aquele negócio, desgaste de casamento, era uma convivência meio perturbada. Eles tinham uma filha, que hoje mora com ele; a esposa dele era muito doente tinha problema de lupos. [...] pra encurtar a conversa, nos tornamos grandes amigas, da gente conversar, dela dizer: Sei que se não fosse você, ele iria arrumar outra mulher, e eu não ia ter essa liberdade que eu tinha com você. Pra você ter ideia, a filha tinha inveja da amizade de nós duas.

Havia, então, um relacionamento a três, e pela fala de Brigitte, além de terem consciência da presença uma da outra, elas mantiveram contato e se nomearam como amigas. O problema ocorre quando a morte rompe esse triângulo. Sobre essa situação, ela diz:

Depois que ela morreu, acabou. Ele se transformou, na verdade, ela não era nem uma esposa, era mãe, amiga, companheira, era tudo; o que a mãe não deu a ele, ela deu. Então, quando ela faleceu, muita coisa mudou no relacionamento da gente, porque uma era complemento da outra.

É nótavel que a presença da mulher de Fernando era entendida como a perfeição da relação; ao ser desfeito o triângulo amoroso, ocorre também um declínio do relacionamento. Paradoxalmente, com a morte, Fernando volta para casa. Sobre essa situação, Brigitte diz: “Pra gente não se separar – [por]que ele morava comigo –, quando a esposa morreu, ele foi morar com a filha – filha única, meio desorientada. Eu disse: Não tem problema, e quando você achar que ela está preparada pra ficar sozinha, pode voltar, porque as portas estão abertas”.

Assim, a partir do discurso de Brigitte, o relacionamento passou por modificações não favoráveis, mas não ocorreu o rompimento e no decorrer da convivência outras situações a fizeram perceber que passou muito tempo priorizando Fernando; foi, assim, abdicando de inúmeras coisas para mantê-lo ao lado, deixando para segundo plano o convívio com a família para permanecer ao lado desse companheiro. Aos poucos, foi se percebendo sozinha: “Quando a gente gosta de uma pessoa e quer segurar o relacionamento, a gente deixa de fazer o que a gente gosta, a verdade é essa. Você deixa de fazer o que gosta, deixa de viver, e muitas vezes não vale a pena, sabe?”.

Se por um lado, Brigitte faz críticas ao casamento em que a mulher se torna submissa e se reduz à vontade dos homens, por outro, ela relata outro tipo de submissão, não mais voltada para a satisfação sexual, mas centrada no medo de perder o ser amado. Com efeito, anular-se foi uma tentativa de manter o relacionamento, porém, as diferenças continuaram existindo, sendo reconhecidas como entraves para a relação.

As relações conjugais trazidas por Brigitte podem ser pensadas da seguinte forma: se no primeiro casamento o rompimento se dá pela falta de respeito, ausência de carinhos e insatisfação com a vida sexual, nesse novo relacionamento há uma insatisfação que não resulta no rompimento, mas provoca alterações significativas desse olhar que é voltado para o sentido do amar. Assim, ela afirma: “Eu acho que, primeiramente, a gente tem que se amar”.

Ao reconhecer as diferenças entre o seu modo de viver e o de Fernando, hoje define essa relação da seguinte forma: “A gente quer mudar a pessoa, você não pode mudar a pessoa, ou você convive com ela daquele jeito ou se afasta dela. É o que eu estou fazendo com Fernando agora, eu não aceito o jeito dele viver, mas estou deixando viver, vai vivendo a vida dele, a gente vai vivendo desse jeito”.

Uma forma de não deixar de viver pra Brigitte, atualmente, é se permitir fazer o que gosta. Nesse sentido, a dança se configura como uma das principais formas de entretenimento.

A minha diversão é só dançar e conversar, jogar conversa fora com as meninas. E isso é muito importante pra mulher, é muito importante que elas se sentem vivas. Até mesmo um sexo oposto olhar pra ela, e dizer assim: mulher vistosa, bem arrumada e bonita é interessante, até mesmo um chegar e dizer assim: gostosas. A gente se sente lá em cima, cresce, vamos dizer assim, o ego da gente; mas, na verdade, não é isso que eu estou procurando. Eu quero me divertir.

A dança, nesse sentido, fortalece a autoestima e funciona como elemento de sedução. Ao ser admirada pelos outros, ela se reafirma como mulher desejada. Além desse significado, Brigitte afirma: “Você tirar proveito da dança. Esse negócio de chamegando um no outro, o vê dizer: Brigitte, você vai me fazer gozar aqui no salão; mas é isso que é gostoso, está dançando com o seu parceiro e sentindo o corpo dele, o sentindo alisar seu corpo, vocês se alisando, se beijando dentro do salão”.

Fica evidente para Brigitte que a dança assume uma função erótica, dessa forma, se torna uma forma de conexão com o outro e com o próprio corpo, uma maneira de explorar e acariciar o parceiro, entendendo como um elemento importante para vivência sexual. O ato de beijar, enquanto dança, é pra ela uma expressão de afeto e desejo, proporciona sensação de prazer.

O *Beer House*, nesse contexto, se apresenta como um local que Brigitte frequenta para dançar e se divertir. Sobre a presença nesse espaço, ela enfatiza:

Veja bem, no meu caso mesmo eu só vou pra me divertir. Você sabe, tem mulheres que vão e se preocupam ali com a aparência pra arranjar um namorado, ter, vamos dizer assim, um caso; como a gente sabe que existe muito ali no Beer House, não só no Beer House, mas existe em outras casas também.

Nota-se pelo discurso de Brigitte que a casa de show é referenciada como um espaço de paquera, mas além de busca por paquera é também um espaço de socialização ao qual as pessoas, como no caso dela, vão para reencontrar amigas, se divertir, aproveitar a noite, curtir a programação musical; mas, socialmente, é percebido como espaço da paquera.

E a respeito da forma de viver o presente, Brigitte destaca: “Hoje eu estou com 61 anos e hoje estou vivendo minha vida, coisas que eu não vivia, porque minha vida era o trabalho”. Brigitte se permitiu começar a viver pra si, realizar atividades que promovem bem-estar e concebe esse momento como um período propício para aproveitar a vida. Sobre o processo de envelhecimento, afirma:

Ninguém envelhece, quem envelhece é a cabeça, é o seu jeito de pensar, é a sua maneira de agir. Então, eu acho que é isso, acho que hoje meu jeito de ser, eu acho assim, não acho nada fora de normal, e quando eu vejo uma pessoa que diz assim: Eu não faço isso por minha idade, e eu digo: Sua idade não permite ou sua cabeça que não permite?.

Em seu discurso, concebe o envelhecimento para além de um aspecto de perdas, que implica uma compreensão do envelhecimento pautada numa maneira singular de viver. Essa lógica está vinculada ao funcionamento do sujeito, não podendo ser reduzida à idade. Isso não significa que ela negue que ocorram as mudanças no corpo com a decorrer do tempo. A respeito dessas alterações, destaca:

Claro a pessoa envelhece, né, o peito não vai ser a mesma coisa, o corpo não vai ser a mesma coisa, mas a cabeça, a única coisa que vai é

o esquecimento, os neurônios, mas aquela coisa que eu digo também se você tem uma vida ativa, pega um livro pra ler, se você faz um crochê, uma costura, os neurônios vão trabalhar direito e não tem esquecimento de muita coisa não, porque tem pessoas [com] 70, 80 anos que têm uma mente boa, e tem muita gente jovem que vive esquecendo. Então, eu acho que não é o corpo, é a mente, mas claro que tem coisas no nosso corpo que a gente tem que cuidar; remédio para os ossos, que agora eu tive que fazer, porque na menopausa eu não tive reposição hormonal.

Nessa perspectiva, o envelhecimento também é percebido como um processo de perdas e aquisições, visto que, por um lado, perde-se a forma anterior do corpo. “Hoje eu estou gorda; não, assim, me desviando demais, eu me acho linda, eu me acho maravilhosa pra mim, porque acho que o importante não é você ficar bonita para os outros, é você ficar bonita pra você, você se aceitar, e eu me aceitou do jeito que sou”. Lidar com a aceitação da nova imagem é, segundo Brigitte, uma condição necessária para reconhecer o amor-próprio. Outro ponto diz respeito ao se abrir para realização de atividades que proporcionem uma vida dita por ela como ativa, será entendido como ganhos que resultam em forma de estimular o trabalho mental. Nessa fala, Brigitte também ressalta como importante cuidar do corpo. Sobre os cuidados, ela destaca:

Fui ver também como estava o cálcio, e o médico fez exame. Precisei tomar remédio para os ossos e tomei; e agora, [n]o mês de julho, vou marcar ginecologista, sempre faço check-up uma vez por ano, problema com açúcar. Eu não tinha problema de pressão, e minha pressão subiu um pouquinho, e ele diz: “Tome remédio três [vezes] por dia, e eu tomo só um e, mesmo assim, quando sinto que estou precisando. Eu não tomo quando vou tomar uma cervejinha. Minha filha diz: Minha mãe, você tomou seu remédio? e digo: Não! Eu vou tomar uma cerveja, que é melhor. Então, eu cuido da saúde. Se tem um plano de saúde pra cuidar, cuidou da saúde, então, vamos cuidar do divertimento.

O cuidado com a saúde é entendido não apenas pela visita ao médico seguida do cumprimento das recomendações; percebe-se que Brigitte, por um lado, faz o acompanhamento geral, e, por outro, decide as recomendações que irá acolher. O cuidado assume duas posições, uma vinculada ao cuidado do corpo e a outra, ao cuidado da mente, o que ela nomeia como divertimento.

A experiência trouxe para Brigitte o reconhecimento de tudo que abdicou pelo outro, e hoje ela busca aproveitar as oportunidades que a vida lhe concede, mas entende que precisa controlar o custo: “Tem final de semana que eu quero sair, mas não se pode sair todo final de semana, que é custo; mas é isso aí, minha vida é essa”. O custo a que Brigitte se refere é o dinheiro que parece em seu discurso como um empecilho para realização de outros projetos, mas também aparece relacionado ao fato de ser independente, o que a permite não precisar do dinheiro do outro. Na ausência da quantia desejada, lida bem, cria estratégias para viver bem com o que tem hoje.

Nota-se que o processo de envelhecimento não é concebido por Brigitte como uma etapa estritamente negativa, ela reconhece a existência de mudanças e lida bem com as novas possibilidades que a vida oferece. Foi possível perceber que, ao falar sobre sexualidade, Brigitte trouxe diversos aspectos da vida que interferem na forma como ela lida com as questões sexuais e, mais amplamente, com a maneira de conceber a sexualidade, não restringindo-a ao sexo.

4.5 Discussões dos Resultados

A partir de uma divisão em tópicos, apresentamos algumas elaborações baseadas nas análises expostas logo acima em articulação com a experiência exploratória; retomamos também questões que apareceram nos discursos das participantes e, por fim, pontuamos algumas expectativas e realidades encontradas. Nossa pesquisa partiu da inquietação a respeito do sentido atribuído pela mulher idosa à sexualidade. Percebemos que os discursos de vozes distintas se entrelaçam, constatamos distintas formas de se colocar como mulheres (e sujeitos) de desejo, capazes de falar sobre assuntos que ainda se conduzem na intimidade, mas que se tornam a cada dia mais expressões públicas.

Em primeiro plano, vale ressaltar que a demanda dessas mulheres consistiu na afirmação de que a ida a esse espaço (*Beer House*) se revela como um meio de entreterimento, não sendo buscado como espaço de paquera, havendo também certa necessidade de legitimação de mulheres ativas sexualmente. Essas demandas podem ser articuladas em duas vertentes: uma no relativo à configuração social do *Beer House*, que se institui como local de paquera, local em que se espera uma postura de busca por relacionamentos em primeiro plano, porém, as entrevistadas buscavam não legitimar essa imagem, representando assim uma forma de afastar-se de mais um rótulo social em meio aos que já estão postos. Por outro lado, trata-se também de uma reafirmação de mulher que deseja e do rompimento com o estereótipo propagado acerca da assexualidade da mulher idosa, e, de certa forma, desconstruir a imagem do ser idosa. Ao falar sobre a sexualidade, essas mulheres em seus discursos trazem a experiência de vida como promotora de mudança na concepção que elas tinham de si mesmas.

Sentidos atribuídos à sexualidade

A forma como foi sendo conduzida essa temática está associada à trajetória de vida dessas mulheres, nem todas apresentaram barreiras para falar sobre a sexualidade, mesmo a que sinalizou dificuldade em falar conseguiu compartilhar os sentidos que atribui à sexualidade. Podemos citar três atribuições que não são excludentes. Nota-se, num primeiro momento, que para Violeta a sexualidade assume a ideia de apropriação dos desejos e há em seu discurso a compreensão de que não se restringe ao relacionamento sexual. Sob outro olhar, Flora traz em seu discurso formas de se sobrepor às normas que incidem sobre o ser mulher. Ela compreende o desejo como central para o entendimento da sexualidade; o corpo e os relacionamentos sexuais também se destacam como elementos importantes para a construção da ideia de sexualidade. Em outra perspectiva, Brigitte, em suas enunciações, dá sentido à sexualidade como experiência de autoconhecimento, que envolve a aceitação e abertura para superar as barreiras impostas por meio dos tabus. Para ela, é possível sobrepor os limites impostos socialmente ao papel da mulher, e assim usa a expressão “mente aberta” como atributo necessário para a mulher se apropriar de seus desejos e se permitir viver novas experiências e confrontar o que o outro elege como modo ser mulher.

Termos associados à ideia de sexualidade

Ao analisar os discursos dessas mulheres percebe-se que elas trouxeram alguns temas associados à sexualidade, tais como: independência; desejo; casamento; corpo; satisfação; medo; vergonha; liberdade, dentre outros que nos permitem pensar no que vem a ser sexualidade para elas. Os termos *dinheiro*, *rica*, *dança* também se destacam nos relatos dessas mulheres.

Dinheiro

O dinheiro apareceu nos discursos das três mulheres como um significante importante, foi concebido também como instrumento de troca, representativo de poder e de demarcação de liberdade. Para Violeta, esse significante marca a mudança de posição em relação ao homem; para Flora, o dinheiro remete à relação com o esposo marcado como elemento de poder, sendo que para lidar com essa interdição ela cria estratégias para ter esse dinheiro que não era partilhado pelo marido. Brigitte, no entanto, traz o dinheiro como impasse para o relacionamento afetivo e o concebe como um instrumento para aquisição de suas necessidades. Assim, o significante *dinheiro* tanto é marcado como um instrumento que proporciona a aquisição da independência financeira, como se estabelecer como meio de manter o poder. Por outro lado, o “ser rica” não foi associado a ter dinheiro suficiente para adquirir bens materiais, esse significante foi trazido por Flora distante do valor que é comumente empregado; assim, ser rica marca o poder de escolha quanto ao que se quer ou não fazer, implica no discurso de Flora uma apropriação de autonomia e liberdade.

A dança e o Beer House

As mulheres também trouxeram a dança como elemento importante para a vivência da sexualidade. Essa se articula com o corpo em movimento, corpo de desejo e fonte de sedução. Elas trazem sentidos distintos. Para Violeta, a dança é percebida como substituto do sexo, o prazer que ela sente em dançar a faz, por momentos, não buscar um parceiro. Em outra perspectiva, Brigitte nomeia a dança como preliminares, o encontro com o corpo do outro provoca sensações que, para ela, contribuem para a relação sexual, se tornando também um mecanismo de sedução. Flora traz a dança em seu discurso como uma forma de integrar nesse espaço, mas apesar de gostar de dançar, não se aproxima das ideias Brigitte e Violeta. O espaço escolhido por elas, o *Beer House*, se tornou em suas vidas uma referência; essas

mulheres visitam outros lugares, mas retornam ao *Beer House*. Nesse espaço sentem-se seguras, estabelecem amizades e entendem os códigos de paqueras que são estabelecidos nesse ambiente, que se torna o lugar do encontro com o outro e consigo mesma. Trata-se também de sentir-se ativa socialmente, fazer parte de um grupo, assim a dança e o *Beer House* se configuram também como uma forma de se vincular ao mundo; não se sentem sozinhas e exercem autonomia, sentam num bar e bebem com as amigas, aproveitam a vida. Violeta e Flora descreviam esse espaço com uma carga afetiva maior se comparado a Brigitte, uma explicação possível se dá pelo fato desse espaço funcionar na vida das duas como o principal ambiente de socialização e o percebem como uma extensão da família.

As concepções dos relacionamentos amorosos

Retomemos então as questões que surgiram no discurso dessas mulheres no relativo às concepções das relações amorosas, a partir da visão delas sobre o comportamento dos homens. Surgiu primeiramente por Violeta a concepção de homem como ser movido pela busca de prazer e atraído pelas possibilidades de vantagens financeiras; por outra perspectiva, Flora concebe o homem como um ser infiel, muquirano e machista; Brigitte se aproxima da concepção de Flora ao dizer que o homem busca a satisfação sexual e dificilmente se preocupa com o outro, mas acredita que essa postura diz de um ser egoísta que não se importa com a satisfação da parceira. Fazendo um comparativo das concepções apresentadas pelas mulheres nota-se que as singularidades estão pautadas nas experiências de vida. No quesito relacionamento sexual, Flora, apesar de estar ciente de que o parceiro não sacia suas necessidades sexuais, se conforma por ele a eleger como objeto de desejo. Essa realidade torna-se fonte de satisfação para ela, assim, implica dizer que para essa mulher o fato de ser desejada supera o quantitativo de vezes que mantém relações sexuais, reconhece a limitação do companheiro e sente satisfação em ser desejada.

Modelos das relações afetivas

Os relacionamentos trazidos por essas mulheres estão longe de representar aquele modelo arcaico de mulher a quem caberia o silenciamento total, aceitação de todas as condições que lhe eram impostas. Foi percebido no relato de duas das entrevistadas que o relacionamento funcionava por meio de triângulos amorosos, em que a existência de um terceiro na relação promovia, no caso de Brigitte, complementariedade na relação; foi vivenciado por Flora como uma espécie de devolutiva, ao manter em silêncio um relacionamento com o amigo do marido, Flora sente prazer em falar sobre a situação de ter outro companheiro, uma vez que o marido mantém por anos um relacionamento com a amiga.

O passado que se presentifica: a história faz pensar que se, no passado, Flora permaneceu no casamento para não separar dos filhos, hoje, seria para não separar do próprio marido, afinal, teria todos os motivos para deixar de amá-lo, mas de alguma forma o amor permanece, amor que não é mais o romântico, que não tem espaço para recomeço, mas que continua ali, num misto de amor e ódio. Violeta, por sua vez, apresenta medo de se envolver por acreditar que os homens se interessam pelas vantagens financeiras, a história afetiva é marcada pela falta de companheirismo e dificuldade de aceitar o jeito de ser do outro.

Retomemos algumas questões apresentadas na revisão de literatura, em que trabalhamos as concepções sobre o envelhecimento e sexualidade. Pode-se perceber que o reconhecimento do envelhecimento surge no discurso de Flora primeiramente pelo olhar do outro, e o processo de adaptação a essas mudanças se dá pela aceitação das limitações; Violeta precisou abrir mão de uma modalidade de dança; Flora deixou de usar seus saltos altos por causa dos problemas nos joelhos, mas ambas criaram estratégias para lidar com essas perdas. Essas três mulheres valorizam a autonomia e liberdade conquistada. Ampliam a significação do modo de ser idosa, implicando numa diversidade de formas de viver a velhice. Nota-se que o envelhecimento não foi apresentado como uma preocupação central na vida dessas

mulheres, outras questões as afligem, a exemplo da necessidade de ter um companheiro, a manutenção de vínculos de amizade, ter pessoas com quem possam partilhar as histórias de vida.

4.6 Análise das Implicações

Seria preciso se interrogar sobre essa escuta contratransferencial eventualmente contraditória, ambivalente, e que não é nem a simples rejeição nem a adesão passiva. Para formular hipóteses nesses domínios o pesquisador poderia achar na análise da sua própria contratransferência associações, representações, que poderiam ser elementos decisivos, para a interpretação dessa aceitabilidade (Ansart, 1986, p.808).

Refletir sobre as implicações ao se defrontar com o trabalho de campo é possível e desafiador, uma vez que se trata de conduzir o trabalho numa condição “extramuros” em que, apesar de um conhecimento teórico anterior, cada conversa revela novas questões que surgem no discurso dessas mulheres. A primeira consideração refere-se à escolha pela temática, ela não se restringiu à inquietude por determinado saber. Trata-se de questões de outra natureza. Assim, ao questionar “por que sexualidade?”, “por que idosa?”, esses questionamentos resultaram em algumas considerações. O interesse pela temática sexualidade tem base na minha história de vida, a pesquisa nesse sentido também foi tida como um recurso para aproximar e falar de algo que foi tão silenciado quanto um dia foi a minha educação sexual e de tantas outras mulheres. Embora eu tenha sido fruto de uma nova geração, mantive por muito tempo esse tema em silêncio, partindo da dificuldade de lidar com essa temática e dar-lhe visibilidade, foi também uma maneira de provocar o falar sobre, me desafiar, encontrar possíveis entendimentos do surgimento desses tabus em família. De certa forma, ocorreu o encontro de três gerações de mulheres, a primeira representada pela minha avó, que o falar sobre sexualidade, estava centrada em casamento e se referia ao arrependimento de não ter se casado após ficar viúva; a segunda, minha mãe, que não dá espaço para falar; e a terceira geração, da qual faço parte, que questionou o que está por trás de todas as dificuldades e interesses nessa temática. Decerto, a presença da minha avó, e posteriormente as lembranças das conversas, de alguma forma me fazia olhar para a temática da velhice; por outro lado,

apesar de ser a filha mais nova, sempre foi dada a mim responsabilidades maiores, com efeito, cresci me sentindo mais velha. Essas aproximações com o tema foram sendo realizadas no decorrer da graduação em Psicologia, posteriormente, na atuação como técnica de referência no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), onde acompanhava especialmente o grupo de idosos. Assim, pesquisar também foi uma forma de mergulhar nas possibilidades e a partir da história do outro me reconhecer também nesse outro. Os discursos de Violeta, Flora e Brigitte tocaram em pontos que implicaram uma série de reflexões. Nessa dualidade entre o que foi pesquisa de campo e o que foi movido pelo campo, o espaço em que, ao pesquisar, me percebi escavando, mais que um dado, numa lógica de encontro e afetação, assim foi sendo constituída a pesquisa.

No início tudo foi justificado como uma curiosidade, assim, inicialmente o foco era o que acontece na intimidade, de que forma essas idosas conduzem a vida sexual nessa etapa de vida; por outro lado, existia certa resistência em falar sobre isso. Talvez o ponto mais impactante na pesquisa sobre sexualidade seja mexer com questões que travaram. No relativo às afetações, a ida ao espaço de pesquisa em vários momentos foi percebida como desestabilizadora, talvez pelo fato de implicar em duas questões: está em um local sozinha e no período da madrugada; veio à tona o medo de ficar sozinha, que retoma as vivências da infância e que se repetiu na ida ao *Beer House*, o sentimento de estar vulnerável. Pelo olhar do outro, diversas vezes foi percebido como uma pesquisa que unia trabalho e festa, mas trata-se de lidar com esse incômodo, e a primeira estratégia foi ir com amigos ao local de pesquisa, marcar saídas após a ida; depois, percebi que precisava viver esse momento. Busquei, mesmo que inconscientemente, essa situação. Foram surgindo também diversas frustrações, iniciando por não conseguir marcar entrevistas dentro de um cronograma anteriormente elaborado, dar-se conta da dinamicidade do campo e lidar com os imprevistos. Por outro lado, foi possível perceber que se tratava de um evento que não se podia ter controle, inicialmente angustiante,

por esbarrar em outra ilusão de que estar sempre no controle das situações me traria o equilíbrio. No decorrer do trabalho fui assumindo o entendimento de que fazia parte desse processo e caberia aceitar e criar estratégias para continuar desenvolvendo o estudo. A escolha do campo de pesquisa se associava inicialmente à ideia de que encontraria mulheres ativas sexualmente e mais abertas para compartilhar suas histórias, o que, de certa forma, se configurou como uma expectativa. Logo nas primeiras aproximações foi possível entender que se tratava de uma possibilidade e não certeza. Decerto, esse espaço se configura como um ambiente em que há certa liberdade para paquera, mas cada participante lida de maneira distinta.

Ficou evidente também a existência de uma idealização da velhice centrada na tendência de focar nos aspectos positivos, mesmo entendendo que esse processo resulta em muitas transformações que podem levar ao sofrimento pela não aceitação do corpo envelhecido, perda de pessoas queridas, lidar com a finitude, dentre outros; houve uma tendência a romantizar a velhice a partir das minhas experiências, e me fez questionar se também essa positividade se associa ao desejo de envelhecer bem. Muitas dessas questões só se tornaram conscientes a partir das discussões com o orientador e nas orientações em grupo, em que as colocações faziam sentido.

Dentre os pontos que não consegui ver do início destaca-se, além das idealizações da velhice, a dificuldade de me colocar, que se tornou evidente na escrita sobre a análise das minhas implicações, de modo que inicialmente usei a terceira pessoa. Outros pontos dizem respeito às questões trazidas no contato com as entrevistadas, tais como a identificação com a mulher sedutora e as diversas atribuições ao significante dinheiro.

Na realização das entrevistas algumas questões não foram aprofundadas, a exemplo da concepção de Brigitte sobre faltar homem, a temática vergonha e outras que não apareceram diretamente, a exemplo da ideia de finitude. Não consegui captar os marcadores

do reconhecimento do envelhecer, mas a aparência física possivelmente se destaca como um deles. Outra questão que surpreendeu foi que as três mulheres me convidaram pra retornar em outro momento; esse querer me parece estar associado a ter uma pessoa para escutá-las.

Analisar as implicações não resulta em justificar ou responder cada afetação, implica em destacar que no trabalho de campo há situações em que o pesquisador se encontra e precisa lidar com essas para que não interfira negativamente na pesquisa, criar o espaço para discutir e chegar ao ponto de “ser mais ciente da própria inclusão na pesquisa” (Michel, 1986, p.803). De maneira geral, percebe-se que várias situações tiveram que ser refletidas e discutidas nos momentos das orientações, e que as afetações não prejudicaram a pesquisa. A construção dessa pesquisa resultou nos seguintes percursos: a construção teórica, a aproximação do campo de pesquisa e a entrevista. Essas etapas se complementam e apresentaram dificuldades distintas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa mostrou que esse espaço de escuta sobre a sexualidade mobilizou várias questões de cunho individual e coletivo. As experiências trazidas por essas mulheres indicam uma nova maneira de viver a sexualidade na velhice que está distante de se restringir ao papel de avó; elas conduzem a vida assumindo o lugar de mulher que continua a desempenhar diversos papéis, mas, sobretudo, se colocam em primeiro plano.

No tocante ao envelhecimento, percebemos por um lado a aceitação da velhice e a criação de estratégias para lidar com o corpo envelhecido, buscando adequar o estilo de vida às necessidades atuais e realizando planejamento do tempo presente. Mesmo que carreguem em si marcas de experiências traumáticas, sonhos não realizados, amores acabados, luto pela vida que não aconteceu como desejada, elas não trouxeram em seus discursos ideias de vitimização. Por outro, os fatores negativos se fizeram presente entre eles se destacaram na relação com o corpo, a impossibilidade de praticar algumas modalidades de dança, a exemplo da dança afro, as dores nas articulações, o aumento de peso, outros pontos de dificuldades se referiam: a ausência de um companheiro que correspondesse às expectativas; a limitação financeira que as impede de investir em novos projetos; a dificuldade de encontrar entre a família alguém que as escute sem a enxergar como repetitivas; a dificuldade de confiar em outras pessoas devido decepções passadas. Sendo possível perceber que algumas problemáticas se relacionam com a forma como essas mulheres encararam as demais fases da vida.

Compreendemos que as três mulheres lidam bem com a imagem envelhecida, sentem-se atraentes e atualizam a imagem corporal, não existindo em seus discursos uma discrepância entre o corpo imaginado e o real, isto é, se reconhecem nesse corpo que sofre continuamente transformações. São mulheres vaidosas, se vestem como se sentem bem sem

medo de serem rotuladas; nesse sentido, a opinião do outro não as limita. Elas reconhecem que essa etapa da vida implica em algumas limitações, mas não se reduzem a elas. No relativo aos sonhos do passado, me parece que a vida não foi exatamente como elas esperavam, elas puderam aprender com as intercorrências, mas algumas marcas permanecem até hoje, mesmo assim buscam escapar dessas dores, seja indo ao *Beer House*, nos contatos com as amigas e nos encontros amorosos.

A realização desta pesquisa esbarrou em alguns entraves, pois essa temática não é compartilhada de maneira espontânea, abrir-se para a escuta dessas mulheres permitiu, a partir do olhar delas, entender a pluralidade do que vem a ser sexualidade. Esta pesquisa permitiu a escuta de uma questão cheia de tabus, possibilitando a desmistificação da ideia da estagnação do desejo feminino com o avanço da idade. Foi possível entender que a maneira como hoje essas mulheres lidam com as questões sexuais tem relação com a história de vida de cada uma. As relações sexuais não estão pautadas na computação de orgasmos ou na quantidade de vezes em que se estabelecem, mas, sim, na representatividade desse contato, não abandonam suas fantasias, não deixam de sentir satisfação, há nesse sentido maior apropriação de si.

Apesar de alguns discursos terem a presença de moralidade, as três não se aprisionam, isso está presente na forma como elas enxergam o relacionamento triangular e na maneira que concebem os relacionamentos na atualidade. Percebe-se também que na relação com os familiares elas impõem limite, continuam com autonomia e poder de decisão e não permitem que interfiram em suas vidas. A palavra finitude não apareceu nos discursos dessas mulheres, contudo, seria possível encontrar essa ideia associada à emergência de viver, no despertar para aquilo que não puderam fazer antes, resultando em não focar no futuro, entendendo que essa ideia de aproveitar o hoje, que é a certeza da vida, e não focar no futuro, que seria a perspectiva de fim da vida.

Foram três histórias, três formas de conduzir essa nova etapa da vida, que chama atenção para uma nova imagem do ser mulher, não mais presa às limitações expostas pelo tempo, mas mulheres que se apropriam de seus desejos, lidam com as suas frustrações e buscam viver o presente mesmo diante de dores não superadas. É preciso considerar que na voz dessas mulheres o envelhecimento e a sexualidade assumem uma dimensão de oportunidade de viver e o fato de falarem sobre as experiências e compartilharem as ideias a respeito da sexualidade marcam uma mudança de postura, se comparado ao processo de silenciamento aplicado à educação feminina; mostrou também que falar em sexualidade implica em pensar numa perspectiva de multiplicidade de sentidos que lhe são atribuídos.

Essa pesquisa implicou no reconhecimento de que, se por um lado, a busca por essa temática partiu também da necessidade de falar sobre sexualidade, por outro, no desenvolvimento desse trabalho fui esbarrando nas dificuldades de me desprender das amarras do silenciamento e tentando lidar com “soltar a escrita”. Ficando evidente somente a partir das pontuações do orientador que em vários momentos me retirava, não sendo fácil falar o que tem de mim nessa pesquisa. Foi possível também me perceber não dando conta de aprofundar algumas afetações ou até mesmo passando por alguns esquecimentos. Outro ponto interessante do desdobramento da pesquisa se refere ao lidar com as frustrações ao longo do trabalho, foi preciso lidar com essas e trabalhar os medos, para assim conseguir finalizar esta etapa.

REFERÊNCIAS

- Abdo, C. H. N & Fleury H. J. (2015). Sexualidade da mulher idosa. *Medicina Sexual*, 20(3), 117-120.
- Arent, M.(2003). A Sexualidade da Mulher no Climatério: uma abordagem psicossocial. *Jornal da Sociedade Brasileira de Climatério*, 10(1), 273-275.
- Almeida, L.A., Patriorta, L.M. (2009). Sexualidade na terceira idade: Um estudo com idosas usuárias do programa saúde da família do bairro das cidades – Campina Grande/PB. *Rev. Qualis*, 8(1), 1-20.
- Almeida, T., Lourenço, M.L. (2007). Envelhecimento, Amor e Sexualidade: Utopia ou Realidade? *Rev. Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10 (1), 101-113.
- Ansart, J.B. (1986). Le Contre-transfert du chercheur dans l' analyse des odéologies. *Rev. Bulletin de psychologie*, 377(39), 805-808.
- Araújo, C.L.O., Souza, N.L.S.A. (2015). Marco do envelhecimento feminino, a menopausa: sua vivência e uma revisão de literatura. *Rev. Kairós Gerontologia*, 18(2), 149-165.
- Araújo, L.F., Carvalho, V.A.M.E.(2005). Aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice. *Rev. Mneme*, 13(6), 228-236
- Barbosa, M.R., Costa, M.F.(2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Rev. Psicologia e sociedade*, 23(1), 24-34.
- Barbosa, S.C.S., Fávero, M.F. (2011). Sexualidade na Velhice: Os Conhecimentos e as Atitudes dos Profissionais de Enfermagem. *Rev. Terapia Sexual*, 14(2), 11-40.
- Barros, M.M.L.(2011). A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: Goldember, M (Org). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. (pp.45-65). Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

- Barros., M.M.L.(2006). Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: Goldman, S.N., Pacheco, J.L., Py, L & Sá, J.L.M. *Tempo de envelhecer; percursos e dimensões psicossociais*. (pp.39-56). São Paulo: Setembro.
- Bassit, A.Z (2002).*História de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice*. Antropologia, saúde e envelhecimento.(pp.175-190).Rio de Janeiro: Fio cruz.
- Batista, K.R.O. (2011). Entre torcer e ser banido, vamos nos(re)organizar: um estudo psicanalítico da torcida trovão azul. *Dissertação de mestrado*, Universidade Federal Sergipe, Aracaju, SE, Brasil.
- Beauvoir, S(1986). *Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bento, J. Gonçalves,M. C. Prizmic, P.(2007). Sexualidade: Autoconhecimento e Qualidade de Vida. Rio de Janeiro: Alaúde.
- Blessmann, E. J. (2004). Corporeidade e envelhecimento: O significado do corpo na velhice. *Rev. Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*, (6), 21-39.
- Bokany, V. Venturi, G.(2009) A velhice no Brasil: contraste entre o vivido e o imaginário.In: *Idosos no Brasil: vivências, expectativas e desafios na terceira idade*. (pp.21-31). São Paulo: Fundação Perceus Abramo.
- Bourdier, Pierre (2012).*A dominação masculina*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil
- Butler, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In: G.Lopes(org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp.101-127). Belo Horizonte: Autêntica.
- Caradec,V. (2016).Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice.In: Goldenberg,M. Corpo, envelhecimento e felicidade. (pp.11-38). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Chena, D.N, Magalhães,F.G, Ortoloni,F.P.B,Rodrigues,G.M, Witter,C.(2015).Envelhecimento e interdisciplinaridade: Análise da produção científica da

revista estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento. *Rev. Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*, 20(3),883-901.

Coelho,D. M (2012). A psicanálise em pesquisa social. *Rev. Eco*, 2(2), 249-259.

Coelho, D.M, Cunha, E.L.(2015). *Recomendações ao pesquisador que pratica psicanálise. Política do social avesso da razão*.(pp.94-105). São Cristóvão: UFS.

Coelho,V.L.D, Mori,M.E (2004). Mulheres de Corpo e Alma: Aspectos Biopsicossociais da Meia-Idade Feminina. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 17(2), 177-187.

Coelho, D.M, Cunha, E.L. (2017).Quatro condições para pesquisa em psicanálise.

Couto, M.C.P.P, Koller, H.S. Novo, R.F.(2006). Resiliência no Envelhecimento: Risco e Proteção. In: C.M. S.B,Dias, F.V. Silva. *Maturidade e Velhice: Pesquisas e Intervenções Psicológicas*. (pp. 315-337). São Paulo: Casa do Psicólogo

Debert,G.G. (2007). A antropologia dos grupos e estudos das categorias idade. In: Barros, L., Moraes, M. *Velhice ou terceira idade*. (pp.49-68). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Debert, G.G.(2011) Velhice e tecnologias do rejuvenescimento.In: M. Goldemberg (Org). *Corpo, envelhecimento e felicidade* (pp.65-83) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Eloi, J.F.,Dantas,A.J.L, Maia, L.M, Santos, E.C Souza, A.M.B.D. (2017). Interseccções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. *Rev.Saúde e Transformação Social*, 8(1),61-71.

Estatuto do idoso.(2012).Brasília: Ministério da saúde.

Fernades, M.G.M, Garcia, L.G. (2010). O corpo envelhecido: Percepção e vivência de mulheres idosas. *Rev. Interface- Comunicação, Saúde e Educação*, 14(35),879-890.

Freud.S. (1901/1905).*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das letras.

Germendo, R. M, Nascimento, F.J.M, Valença,C.N. (2011). Mulher no climatério: reflexão sobre o desexo sexual,beleza e feminilidade. *Saúde e Sociedade*, 9(2),273-285.

- Goldenberg, M (2015). *A bela velhice*.(pp.1-127).Rio de Janeiro: Record.
- Goldman,S.N(2006). As dimensões socioantropológica do envelhecimento. In: In: Goldman, S.N., Pacheco, J.L., Py, L & Sá, J.L.M. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. (pp.57-76).São Paulo. Setembro.
- Irigaray. R.H, Schneider, T.Q (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Rev.Estudos de psicologia*, 25(4),585-593.
- Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística. *Primeiros resultados definitivos do censo de 2010*: População do Brasil é de 190.755.799. 2010
- Justo,J,S, Rosendo, A.S.(2011) Velhice e terceira idade: tempo, espaço e subjetividade. *Rev.Kairós*, 14(2), 143-159.
- Justo, J.S,Rodrigues, A.P.(2009) A resignificação da feminilidade na terceira idade. *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*, 14(2), 169-186.
- Limoeiro, B.C(2009). Envelhecimento e as mudanças no corpo: novas preocupações e velhas angústias. In: Goldenberg, M. *Velho é lindo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lopes, R.G.C.(2009) A imagem e a autoimagem da velhice para heterogeneidade das vivências. In: Neri, A.L (Org). *Idosos no Brasil: vivências, expectativas e desafios na terceira idade* (141-152). São Paulo: Fundação Perceus Abramo.
- Louro,G.L(2000). *O Corpo Educado Pedagogia da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Autêntica.
- Maia,G.F(2008). Corpo e velhice na contemporaneidade. *Rev. Estudos e pesquisa em psicologia*, 8(3),704-711.
- Matos, C.L.A.(2015). *A reinvenção do corpo da mulher idosa: imagens corporais na cultura contemporânea*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.
- Medeiros, S.A.R.(2006) O Lugar do Velho no Contexto Familiar. In: Py. L. et al. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais* (pp161-168).São Paulo: Setembro.

Michel, J.B(1986). Le Checheur, premier objet de la recherche. *Rev. Bulletin de psychologie*, 377(39), 801-804.

Minayo, M.C.S.(2011). *Envelhecimento demográfico e o lugar do idoso no ciclo da vida brasileira*. Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde.

Moraes,C.F, Valadares, M.O, Viana, L.G. (2013). A temática do envelhecimento humano nos grupos de pesquisa no Brasil. *Rev. Kairós*,16(2). 117-128.

Mota, A. B (2006). Chegando pra idade.Velhice ou Terceira Idade? (pp.224-235).Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Neri, A.L.(2009) Feminização da velhice .In: Neri, A.L. *Idosos no brasil vivências, desafios e expectativas na terceira idade*.(pp.47-64).Rio de Janeiro: fundação Perseu Abramo.

Peixoto, C. (2007). Entre o estigma e a compaixão e o termos classificatórios:velho,velhote,idoso, terceira idade. In: Barros, L.,Moraes,M. *Velhice ou terceira idade?* (pp.69-84). Rio de Janeiro: Editora fundação Getúlio Vargas.

Piccolo, G.M. (2011). Os caminhos dialéticos do envelhecimento e sua relação com a educação física contemporânea. *Rev. Bras.Geriatr.Gerotol*, 14(1), 169-177.

Py, L (2006) *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. São Paulo: Setembro.

Santana.R.M(2003) Mobilidade na terceira idade como planejar o futuro? *Rev.Texto sobre envelhecimento*, 6 (2), 51-72.

Sibilia,P. (2011). A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: corpo velho como imagem falha.In: Goldenberg, M. *Corpo, envelhecimento e felicidade*.(pp. 83-108). Rio de Janeiro: civilização Brasileira.

Silva,L.R.F.(2008) . Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Rev. História, ciência e saúde*, 15 (1). p.155-168.

Rocha,P.(2009) *Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado*. Belo Horizonte: Leitura.

Weeks,J. (2000) O corpo e a sexualidade. In: G.Lopes (Org), *O corpo educado: pedagogia da sexualidade* (pp.26-61). Belo Horizonte: Autêntica.